



Paulina T. Nólíbos    **PEQUENO LIVRO**  
**DOS DEUSES OLÍMPICOS**



Paulina T. Nólíbos **PEQUENO LIVRO**  
**DOS DEUSES OLÍMPICOS**

editora **BESTIÁRIO**



Paulina T. Nólivos **PEQUENO LIVRO  
DOS DEUSES OLÍMPICOS**

editora **BESTIÁRIO**

# APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de uma experiência repetida de ensino dos clássicos. Esta área de estudo foi praticamente excluída do ensino formal e conhecer Homero, Hesíodo ou os dramaturgos tornou-se sinônimo de extrema erudição inútil. Mas, como sabemos, tratam-se das bases sobre as quais se edificou a cultura ocidental e a ausência destes conhecimentos tem empobrecido o próprio entendimento do presente.

Assim também se posicionaram os integrantes recentemente iniciados que se uniram para a organização desta publicação. Tudo começou com os estudos apresentados numa aula de *História Antiga Ocidental* sobre Hesíodo, mais especificamente sobre seu catálogo dos deuses, a *Teogonia*, belamente traduzido por Jaa Torrano. Pesquisas trazidas pelos estudantes nos forçaram a enfrentar a miserável bibliografia acessível sobre o tema existente em língua portuguesa (ou que não esteja esgotado). Surgiu ali a expectativa de transformar estes trabalhos em um organismo: como a maioria dos deuses abordados estava entre os da linhagem de Zeus, a limitação estava naturalmente definida – falaríamos da família dos Olímpicos.

Apresenta-se aqui uma tentativa de abordagem consistente do conteúdo religioso e literário do mito, limitado à Grécia e a um número fechado de doze: os deuses olímpicos. Os grandes mitólogos da atualidade e algumas das fontes milenares essenciais para o desvendamento do fenômeno do mito serão mencionados, alguns citados literalmente. A mitografia e a mitologia estão postas novamente como um problema na mesa dos psicólogos, dramaturgos e legisladores; e agora, como um problema histórico através da Nova História Cultural e a abertura das discussões sobre o Imaginário.

Pretendemos nos colocar entre o dicionário e o livro de história das religiões, com a vantagem de ser um livro pequeno, para uma leitura leve e, paradoxalmente, reflexiva. Além disso, é uma primeira publicação para os integrantes e uma forma de exposição do seu trabalho de pesquisa muito corajosa, o que merece ser mencionado e incentivado. Embora organizado por verbetes, a ordem não é alfabética, mas obedece a certa lógica de precedências e prioridades, já insinuando os campos de poder que cada um dos deuses ocupa na comunidade fechada, sendo que Hermes está no fim, posto que seu mito indica ter sido ele o décimo segundo e último a ser recebido entre os iguais.

Dentre os grandes dicionários, aos quais não tentamos nos equiparar, recomendamos três que nos foram essenciais: o *Dicionário das Mitologias*, organizado por Yves Bonnefoy e escrito pelos grandes especialistas franceses das últimas décadas, o de arte, escrito pelos holandeses Moormann e Uitterhoeve, e o *Dicionário Mítico-etimológico* do estudioso brasileiro J. S. Brandão. E dentre os autores, referenciados cuidadosamente no final do texto, Walter Burkert, responsável pelas mais consistentes indicações, grande normatizador da religiosidade arcaica e clássica. E aos iniciados, que perceberem lacunas, omissões e superficialidade, nos perdoem a audácia de tentar reunir mais de três mil anos de tradição da escrita do mito e de suas interpretações em cinquenta páginas. Apresentamos o estado da pesquisa atual no sentido de incentivar e criar melhores condições para o ensino-aprendizagem das representações e sistemas

simbólicos neste vasto campo que é o das ciências sociais e humanidades.

Que novos leitores sejam acordados para o fascínio das antigas histórias.

Um artigo, mesmo pequeno, revela uma perplexidade intelectual. Quando nos colocamos alguma dificuldade teórica que nos deixa estimulados, quase angustiados, então encontramos um problema digno de reflexão: a persistência do fenômeno religioso-poético do mito é um destes acontecimentos, que, embora incompreensíveis, são atestados e verificados na arte e na antropologia e ainda me instigam e inspiram. A violência da destruição do patrimônio cultural da antiguidade virtualmente deveria apagar da memória e dos rastros históricos estes referenciais pagãos.

Mas a extensão do repertório cultural antigo era tão grande e sua força simbólica tinha tal poder, que, contrariamente às expectativas, algo da imensa produção foi preservado e, atualmente, registrado, protegido e conservado em Museus, Universidades e Fundações. O esforço internacional no sentido da divulgação da memória da antiguidade demonstra que seu valor não só não foi esquecido, quanto vem sendo reavaliado positivamente.

E então? Qual a especificidade destas fontes, seja a literatura ou a arte figurativa, que falam dos deuses? De quem se fala quando os antigos falam de deuses? Quem são os antigos de quem pensamos que falamos? E porque ainda convivemos com os mitos tão intimamente? Sem dúvida, pela nossa herança ocidental europeia, romana judaico-cristã, herdamos também a tradição grega, que já tinha sido absorvida pelo mundo romano, e da qual os primeiros filósofos do cristianismo foram debitários.

Com a sobrevivência de alguns volumes que começaram sua viagem ao redor da civilização, nomes como Homero, Hesíodo, Heráclito, Empédocles, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Platão foram copiados por centenas de anos entre árabes, no Império Bizantino, em Alexandria, no Egito, e em muitas capitais do Império Romano. Os nomes e as histórias dos deuses antigos aos poucos passaram de conteúdo teológico a literário, mas continuaram nas mãos de estudantes. Foi com avidez que alguns estudiosos tardios registraram versões variadas de mitos, como Apolodoro, Nonos, Apolônio de Rodes, Pausânias, Apuleio, Eratóstenes e teorizaram sobre eles, como é o caso de Salústio. Não era mais uma questão de crença ou de rituais, mas enquanto produção imaginária é que o mito iria se immortalizar na cultura ocidental. Esta alteração foi definitiva, e libertou o mito do temor e do sacrilégio, porque lhe retirou o caráter sagrado.

E são como histórias de fundo poético que as narrativas míticas ainda figuram entre nós na forma de teatro, ópera, esculturas e, muito intensamente, na pintura. Estes deuses que os antigos evocavam passaram a decorar quartos com seus episódios eróticos, como os encontrados em Pompéia, ou grandes salões, acrescentando pompa e erudição ao bom-gosto. Mas nos últimos tempos, apesar dos nomes continuarem a ser

repetidos e utilizados, estão sendo tão banalizados que seu sentido parece estar se apagando.

Hoje um jogador de futebol do momento é “um mito”, temos um carro que se chama “Apolo” e nas prateleiras de supermercado existe uma linha de desinfetante com o nome de “Ajax”, até xingamos evocando a deusa latina da poda, a “Putta”. Existe alguma pesquisa de qualidade sendo feita neste sentido, e destaco a da helenista americana Martha Nussbaum, de 2000, publicada com o título de *Cultivating Humanity*, expressão que ela retira de Sêneca: ao redor dos EUA foi feito um levantamento do índice de leitura e quantidade de horas dedicadas ao ensino de clássicos nos estabelecimentos de ensino.

É conhecida a anedota histórica, transmitida através de seu biógrafo, Arriano, de Alexandre que, no quarto do rei Dario, encontra ao lado da cama uma pequena caixa lavrada a ouro e pedras preciosas. Pergunta para que Dario a utilizava e lhe respondem que servia para guardar doces. Alexandre teria esvaziado então a caixa de seu conteúdo e colocado ali o seu exemplar da *Ilíada*, o livro do qual não se separava. No último quartel do século IV a.C., este livro já pertencia aos tesouros da humanidade, conforme sugere a atitude de Alexandre.

São atitudes de ativismo pró-clássico como esta, ou de imperadores memoráveis nesse sentido como Adriano, no séc. II d.C. e Juliano, no séc. IV d.C., que evitaram ou anteviram a indigência da cultura vencida frente ao modelo que se instaurava contra as imagens, contra o erotismo, contra a infiltração literária na teologia. O mito sobreviveu miseravelmente a estes últimos momentos da antiguidade e aos séculos medievais.

Existem algumas vertentes do pensamento que se preocupam com a análise, ou a interpretação do fenômeno religioso antigo, representado pelo mito enquanto estória, narrativa, no seu aspecto literário; outras abordam o mito no seu aspecto de prática cultural, de forma antropológica. O estruturalismo, com Levis-Strauss, trabalhou o mito, assim como Freud e a psicologia pós-freudiana, Jung e a psicologia analítica, as escolas alemãs de filologia, desde o romantismo alemão, Goethe e Nietzsche.

A Escola de Paris, composta no período do pós-guerra por Jean-Pierre Vernant, Marcel Detienne, Paul Veyne, Vital-Naquet, Jacqueline de Romily, Nicole Loraux, Claude Mossé, para citar os mais representativos da antiga geração, fez uma escolha pela pesquisa do mito em sua historicidade e cada qual na especificidade de sua escolha, abordou aspectos relacionados à cultura e ao diálogo entre história e literatura. Esta rede de estudos resultou inclusive na organização e publicação do mais prestigioso dicionário mítico, organizado por Ives Bonnefoy e editado pela Flammarion, em 1996. Os estudos do grupo movimentaram as discussões sobre o significado do mito através dos continentes, ampliando a documentação e os usos das fontes; alterando significativamente as discussões que até a década de 50/60 se fazia do pensamento religioso-poético antigo. Além deste prestigioso centro de estudos que é o *Collège de France*, eles contam com a *École Pratique des Hautes Études* e o *Centre des Recherches Comparées sur les Sociétés Anciennes*, fundado pelo próprio Jean-Pierre Vernant.

A trajetória dos estudos atuais não poderia ser feita sem a menção a uma imensa

quantidade de estudiosos, tantas são as áreas e subáreas já estabelecidas. A iconografia, principalmente a da cerâmica dos períodos arcaico e clássico, teve seus estudos iniciados recentemente e já possui uma ampla variação de abordagens. A cruzagem entre textualidade e iconografia, embora extremamente complexa, já foi organizada e editada na Suíça num esforço internacional que resultou na obra de consulta em 18 volumes do *Lexicon Iconographicum Mitologiae Claessicae*.

A maior parte destes estudos é desconhecida do público brasileiro, pois não são publicados ou estão esgotados. E nem sempre as fontes primárias estão bem traduzidas, afugentando ainda mais o possível leitor. O pesquisador tem que abrir caminhos aqui que em outros lugares já estão abertos, e criar um conjunto de situações que estimule o estudo mais aprofundado da visão de mundo antiga. No emaranhado de textos de mais de 2000 anos precisamos encontrar o fio de Ariadne, que nos tira do labirinto.

O que pretendiam estes homens antigos ao escrever, pensar, cantar estas poesias jamais saberemos com certeza. Nossas investigações esbarram com a consciência do passado como algo que passou, que não é mais, e que não volta. Memória, a deusa mãe das Musas, foi a chave para os gregos. Era preciso cultivar uma memória.

Dizem que a mitologia é o pensamento oposto ao racionalismo. Talvez por ser genealógica, se dirigir às origens das linhagens e dar crédito ao espiritual, às marcas da raça, para usar uma expressão de Dodds, em *Os Gregos e o Irracional*, ou por ser analógica e trabalhar no campo da metalinguagem e da representação, ou ainda pelas raízes inegáveis no pensamento mágico arcaico, panteísta. O fascínio que causam hoje certamente não pode ser comparado com o que causaram na época de suas primeiras aparições, mas não conhecemos este momento primordial. No pequeno acervo disponível podemos procurar pistas e comprovar teses, reencontrar vínculos e procurar sincronias e disparidades. Fazer com que os documentos possam falar. Seus ecos são suficientemente fortes para que a canção continue a ressoar.



A palavra ‘Zeus’ deriva de um radical primitivo, *dei*, ‘reluzir’, presente nas principais línguas indo-européias antigas (grego, latim, hitita, sânscrito), sempre associada a uma divindade celeste e à claridade do ‘dia’, palavra que, aliás, deriva de *dies* (It) e vem do mesmo radical. A palavra portuguesa ‘deus’ tem a mesma origem.

Os epítetos de Zeus nos poemas homéricos, nossas fontes mais antigas, confirmam sua estreita ligação com os fenômenos atmosféricos: ‘amontoador de nuvens’, ‘trovejante’, ‘o que lança o raio’. Na *Ilíada* era já considerado o filho de Cronos e Rhea, irmão de Hades e Poseidon e marido de sua irmã Hera. Para os gregos, era o mais poderoso e o mais importante de todos os deuses. Deus do céu e da terra, senhor do Olimpo, deus supremo, filho mais novo dos titãs Cronos e Rhea, governantes cósmicos.

Nos poemas homéricos já se apresenta a personalidade de Zeus, deus que reina nas alturas luminosas do céu. Na maior parte do tempo, Zeus permanece no cimo do Monte Olimpo, mas de lá decide sobre deuses e homens, espalhando a justiça e reiterando seu poder.

O início de sua trajetória está marcada pelo oráculo de Gaia/ a Terra, e a questão envolvia a transmissão do poder na linhagem, demanda política da mais alta importância. Cronos tentava evitar a profecia da mãe Gaia, que predizia que um de seus filhos lhe usurparia o trono. Cronos, em silêncio, agarrou seu primogênito assim que o mesmo nascera e devorou-o, iniciando assim uma sangrenta rotina. Outros filhos nasceram sem que Rhea pudesse defendê-los da voracidade paterna.

Ajudada por Gaia, sua mãe, traçou um plano para salvar o 6º filho, que estava em seu ventre. Ocultou-se numa das cavernas de Creta, e ali pariu Zeus. Rhea apanhou uma pedra e envolveu-a com panos como se fosse uma criança e entregou-a a Cronos. Este imediatamente a ingeriu. Rhea manteve a criança à salvo, sendo alimentada com o leite da cabra Amaltea. Salvou o filho, mas selou a profecia de que um filho de Cronos tomaria o poder do pai.

Zeus foi criado e educado em Creta aos cuidados das ninfas e dos curetes (sacerdotes de Rhea). Ao crescer, Zeus aliado aos seus irmãos e aos monstros, destronou seu pai. Para enfrentá-lo, disfarçou-se de viajante e ofereceu a ele uma misteriosa bebida que o fez vomitar os filhos ingeridos. Vieram então à luz Poseidon, Hades, Demeter, Héstia e Hera. A batalha está descrita na *Teogonia* de Hesíodo como a *Titanomaquia*. Após a tremenda vitória sobre os titãs, dividiu o mundo entre ele e seus dois irmãos, Poseidon e Hades, encerrando assim o ciclo das divindades tenebrosas, das forças desordenadas. A cada um coube uma parte do cosmos: Zeus tornou-se senhor da terra e do ar, Poseidon, das águas, e Hades, ficou com o mundo subterrâneo, local dos mortos, deixando de pertencer em virtude disso ao conjunto dos olímpicos.

Zeus teve várias esposas e amantes. Entre suas esposas, destacamos a primeira, Métis, titanesa cuja atribuição era a prudência, e a maneira incomum com que foi gerada a primogênita Atena. Gaia advertira Zeus de que Métis lhe daria um filho que o destronaria, assim como ele havia destronado seu pai. Amedrontado, Zeus engoliu Métis, mas para isso traçou um ardiloso plano, uma brincadeira, onde ambos transformar-se-iam em animais diferentes: Métis transformou-se numa mosca, Zeus aproveitou a oportunidade e a engoliu. A deusa já estava grávida de Atena, e a gestação continuou, mas alojada na cabeça de Zeus. Durante uma guerra, Zeus sentiu uma forte dor de cabeça, e pediu a Hefesto, o deus ferreiro, que lhe desse uma machadada na cabeça, de onde surgiu Atena já adulta, totalmente vestida para a batalha e banhada em sangue. Atena tornou-se a deusa mais poderosa depois de Zeus, ensinou aos homens praticamente todas as atividades, como a caça, a pesca, o uso do arco e flecha, a navegação, a olaria, a música e a dança, e uma arte às mulheres, atividade tipicamente feminina no mundo grego, a fiação e a tecelagem.

Têmis, outra titanesa, deusa da justiça, foi sua segunda esposa. As Moiras, deusas do destino, levaram Têmis até Zeus, profetizando que ele tinha muito a aprender com ela, pois era tão inteligente quanto Métis.

Hera, sua irmã, foi sua última esposa, e com ela permaneceu unido, apesar das inúmeras brigas conjugais. Teve com ela os filhos Ares, Hebe, deusa da eterna juventude e Ilítia, deusa do parto. Hefesto, em algumas versões, inclusive em Homero, aparece como seu filho, noutras fontes, como filho de Hera, gerado sem intercuro sexual. No Canto I da *Ilíada* Zeus e Hera já aparecem discutindo e são muitas vezes representados como o típico casal, aquele em que a mulher ciumenta anda atrás do esposo infiel. Observe-se como Homero os retrata:

Hera – Velhaco, qual dos deuses se concertou contigo? Comprazes-te sempre em refletir e em decidir longe de mim, secretamente. Uma vez mais não és capaz de te resolver de boa mente a expor-me os teus pensamentos. O pai dos homens e dos deuses respondeu: – Hera, não tenhas esperanças de conhecer todas as minhas ideias. Isso ser-te-á difícil, conquanto sejas minha esposa. As que devem ser ouvidas, nenhum dos deuses as saberá antes de ti, nem nenhum dos homens; mas sobre aquelas em que desejo pensar afastado dos deuses não me interrogues nem me importunes a cada passo. A venerável Hera de olhos de bezerra respondeu:

– Terrível filho de Crono, que estás para aí a dizer? Até aqui tenho-te interrogado e importunado mesmo muito pouco; em sossego, tu dizias-me tudo o que entendias. Mas hoje, receio tremendamente, em minha alma, que tenhas sido cativado por Tétis de pés de prata, filha do vento marinho. Pois, envolvida em bruma, ele sentou-se perto de ti e agarrou-te de os joelhos. E creio que lhe prometeste realmente, por meio de um sinal de cabeça, honrar Aquiles e fazer perecer muitos aqueus, cerca dos seus navios. Zeus ajuntador de nuvens respondeu: – Dêmonio, estás sempre a “crer”, nada te posso esconder! De qualquer modo, não lograrás se não arredar-te do meu coração, e será ainda mais deplorável para ti. Se é como tu dizes, é porque a coisa deve agradar-me. Em silêncio, senta-te e obedece-me; quando não, teme que de nada te sirvam todos os deuses do Olimpo se eu me aproximar e lançar sobre ti as minhas temíveis mãos (*Ilíada*, I, 537- 567).

Com Dione, segundo Homero, teve Afrodite. Veremos que esta não é a versão mais aceita, mas sim a de Hesíodo, segundo a qual Afrodite nasceu em outras circunstâncias. Demeter, deusa da agricultura, sua outra irmã, gerou Persefone de Zeus. Com Mnemósyne, a Memória, teve as 9 musas: Calíope, da poesia épica, Clio, da história, Euterpe, da poesia lírica, Melpômene, da tragédia, Terpsícore, da dança,

Érato, da elegia, Polímnia, da poesia sagrada, Urânia, da astronomia e geometria, e Tália, da comédia. As Horas ou Graças eram filhas de Zeus e deusas da felicidade, do amor e da celebração. Presidiam os banquetes, as danças e a todos os eventos sociais. Elas eram três: Efrosine, Aglaia e Tália.

As paixões de Zeus, junto com seus filhos, foram odiadas e perseguidas por Hera. Destacamos algumas aventuras extraconjugais com mulheres mortais:

**EUROPA:** Princesa fenícia, filha de Aginor e Telefosa. Certa vez, Zeus ao vê-la na praia de Sidon, jogando com suas amigas, ficou maravilhado com sua beleza. Sabendo que não poderia aproximar-se dela de forma natural, Zeus transformou-se num belo touro branco para raptar Europa. Zeus encarregou Hermes de conduzir o rebanho até a praia, onde a jovem e outras donzelas iriam passar. Saído do meio do rebanho, aproximou-se do grupo das donzelas, prostrando-se aos pés de Europa, que, após assustar-se, foi ganhando confiança, acariciou a cabeça do touro, ajeitando a grinalda de flores que as amigas colocaram entre os cornos do animal. Europa decide sentar-se em cima do animal, confiante e alheia do que a esperava.

O animal ergueu-se e sem demora lançou-se ao mar, levando consigo Europa no seu dorso. Zeus-touro nadava furiosamente, afastando-se da costa, e após uma longa viagem chegaram a Creta, onde Zeus novamente assumiu a forma humana. Foi em Creta, na fonte de Gortina, sob a frondosa sombra dos plátanos, onde o casal se uniu. Zeus e Europa tiveram três filhos: o valente Sarpédon, que morreu em Tróia como aliado de Príamo; o justo Radamantes, e o legendário Minos, rei de Creta, pai de Ariadne e de Fedra.

Para recompensar Europa por completo, Zeus deu-a em matrimônio a Astérion, o qual por não poder ter filhos, adotou os de Zeus. Quando Europa morreu foram-lhe concedidas honras divinas, sendo que seu nome foi dado à porção continental sem nome que ela habitou: Europa, e o touro, isto é, a forma na qual Zeus havia amado Europa, foi convertido em constelação de Tauros e incluído nos signos do zodíaco.

**DÂNAE:** Princesa de Argos, filha do rei Acrísio. Desapontado por não ter herdeiros masculinos, Acrísio foi procurar um oráculo, e este respondeu-lhe que, mesmo se fosse até o fim da terra, seria morto por seu descendente, filho de Dânae. Acrísio aprisionou-a ainda virgem numa torre de bronze para que jamais fosse vista por um homem, nem tivesse filhos, e a manteve constantemente vigiada por seus guardas, para evitar o nascimento de seu futuro assassino.

Mesmo com todos esses cuidados, Zeus, tomado de amores pela princesa, transmutou-se numa chuva de ouro, forma na qual manteve relações com Dânae. Zeus fecundou-a com ouro líquido, gerando assim Perseu. Acrísio, ao tomar ciência do ocorrido, ordenou que mãe e filho fossem lançados ao mar, dentro de uma caixa de madeira, solução encontrada para não atrair contra si a ira do deus, matando-lhe um filho, pois as águas dariam cabo deles. Mas a pedido de Zeus, Poseidon acalmou os mares, e ambos sobreviveram. Levados pelas correntes marítimas até a ilha de Seriphos, encontrados por pescadores e levados até o monarca local, Polidetes, Dânae e o filho foram recebidos com honras e, logo, ela se tornou sua esposa. Muitos anos depois, Perseu participava de jogos na terra natal e com o disco decepou

acidentalmente a cabeça do velho rei, seu avô, cumprindo-se, então, a profecia.

**ALCMENA:** Esposa do rei Anfitrião, de Tebas. Enquanto seu marido estava lutando numa guerra para retomar o reino usurpado do pai de Alcmena, Zeus assumiu a forma de Anfitrião para seduzi-la. Tiveram um filho, o mais poderoso dos heróis, Alcides (mais conhecido pelo nome de Hércules), que recebeu como coroa de suas realizações. A narrativa do mito do filho de Alcmena foi detalhadamente narrada pelo mitógrafo tardio Apolodoro, na Biblioteca.

**LEDA:** Esposa do rei Tíndaro, de Esparta. Zeus transformou-se em cisne para seduzi-la. Dessa união, Leda gerou Helena e Pólux. Helena nasceu de um ovo, uma pequena mulher totalmente formada, que não conheceu a infância nem a velhice. Pólux nasceu ao mesmo tempo que seu meio-irmão Cástor, filho de Tíndaro. Mortos, segundo o mitógrafo tardio Eratóstenes, foram elevados por Zeus à constelação de Gêmeos.

**CALISTO:** Calisto provocava ciúmes em Hera, pois sua beleza cativara seu marido Zeus. Hera então a castigou, transformando-a em um urso. Calisto lutava contra seu destino, mantendo-se mais ereta possível, para conquistar a piedade dos deuses. Mas a indiferença de Zeus a fazia crer que ele era cruel, pois nada podia dizer, somente rugir. Tinha medo dos caçadores, pois um dia fora caçadora. Numa de suas caminhadas pelo bosque, reconheceu seu filho, Arcas. Tentou abraçá-lo e ao aproximar-se, o filho, sentindo medo, ergueu a lança e, quando estava para desferir o golpe, Zeus, compadecido, afastou-os, colocando-os no céu: Calisto transformou-se na Ursa Maior. Muitas outras narrativas míticas de constelações estão reunidas por Eratóstenes, no livro *Cateterismos*, curiosidades para o observador das estrelas.

**IO:** Sua beleza despertou a paixão de Zeus, que para cortejá-la, cobriu o mundo com um manto de nuvens escuras, escondendo seus atos da visão de Hera. A esposa desconfiada desceu do monte Olimpo para averiguar. Na tentativa de iludir a esposa, Zeus transformou a amante numa belíssima novilha branca. Intrigada pelo interesse do marido no animal e maravilhada pela beleza do mesmo, Hera exigiu a novilha para si, colocando-a sob a guarda do gigante Argos, que mantinha abertos, mesmo ao dormir, cinquenta dos seus cem olhos.

Zeus encarregou Hermes de libertar sua amada, que, para tanto, usou a flauta de Pã. Pôs para dormir os olhos despertados de Argos e enquanto os outros dormiam, cortou sua cabeça. Hera recolheu os olhos de seu servo e os colocou na cauda do pavão, animal consagrado a ela. Io livrou-se do cativo, mas não dos tormentos de Hera. O fantasma de Argos continuava a persegui-la e a deusa enviou um moscardo para picar constantemente a novilha durante sua fuga. Io perambulou de Micenas para Eubéia. Atravessou a Ilíria e subiu o monte Hemos, na Trácia.

O mar, cujas praias percorreu, recebeu o seu nome: foi chamado de mar Iônio (Jônio). O estreito de Bósforo, que liga o mar de Mármara ao mar Negro, cujo significado é *passagem da vaca*, foi batizado assim por Io tê-lo cruzado a nado. Ao chegar ao monte Cáucaso, encontrou Prometeu, acorrentado em uma rocha. O titã disse que, ao alcançar o Egito, sua forma humana seria restaurada por Zeus e ela teria um filho. A criança seria a primeira de uma linhagem que culminaria com Hércules, que acabaria por libertar o próprio Prometeu.

Após chegar às margens do Nilo, implorou a Zeus por um fim. Zeus comovido falou com Hera e ambos restauraram sua forma humana. Ela teve um filho, Épafo, que foi roubado pelos Curetes a mando de Hera. Io recuperou o menino e reinou sobre o Egito, sob o nome de Ísis e casada com Telégono. Sua coroa tinha dois pequenos chifres de ouro, lembranças da sua transformação.

**ANTÍOPE:** Filha do rei-rio beócio Aspo, segundo Homero (Odisséia: XI, 260). Em poemas, é chamada a filha do rei Necteu de Tebas ou Licurgo. Sua beleza atraiu Zeus, que assumindo a forma de um sátiro, a tomou à força. Após o estupro, foi carregada por Epopeu, rei de Sicião. No caminho de volta para casa, na cercania de Eleutera, deu à luz aos gêmeos, Afião e Zeto; Anfião era filho de Zeus e Zeto, filho de Epopeu. Ambos foram deixados para serem trazidos por pastores. Foi perseguida por Dirce, a esposa de Lico. Escapou rumo a Eleutera, encontrando abrigo na casa onde seus filhos foram criados por pastores.

**EGINA:** Rainha da ilha de Egina, mãe de Eaco. Hera enviou uma grande praga, que matou a população. Egina implorou ao pai uma ajuda para habitar a ilha, então Zeus transformou um formigueiro em gente, os Mirmidões, que foram os soldados de Aquiles na guerra de Tróia.

**SÊMELE:** Princesa tebana, filha de Harmonia, neta de Ares e Afrodite, sobrinha de Europa. Zeus oferece um presente quando sabe da sua gravidez. Ela, persuadida por Hera, que se fez passar por sua ama, se dirige a Zeus e lhe pede para se mostrar em todo seu esplendor. Morreu fulminada quando Zeus se apresentou em todo o seu poder e glória. Isso se chama epifania, da raiz de luz. Ao mostrar-se o divino, a parcela humana de Sêmele não resistiu e sofreu combustão. Esta é memória última que Dioniso terá da mãe: calcinamento das entranhas. Zeus então retirou Dioniso de seu ventre e o pôs em sua coxa, onde terminou de gerá-lo.

**GANIMEDES:** Não foram somente as mulheres que despertaram o amor de Zeus. Ganimedes, príncipe de Tróia, foi o seu favorito. Ao vê-lo, Zeus apaixonou-se por sua beleza, disfarçou-se de águia e o raptou, para torná-lo o copeiro do Olimpo, sempre a seu lado.

Nas representações mais antigas Zeus já aparece como guerreiro com uma lança e um raio. Sempre tem uma barba abundante e uma cabeleira farta. Vasos de cerâmica do período arcaico já atestam narrativas de Zeus. Fídias, escultor do período clássico, representou Zeus, e essa estátua estava em Olímpia, no maior dos santuários pan-helênicos dedicados a Zeus, mas dela só conhecemos réplicas de baixa qualidade e moedas. O mundo romano elevou Zeus/ Júpiter a uma última instância, com o Direito Romano ligado à ordem cósmica dirigida por Zeus/Júpiter, senhor inclusive do Capitólio.

Na arte figurativa da época moderna, mais sensual, Zeus é representado antropomorficamente ou em alguma das suas metamorfoses animais ou como a chuva de ouro em momentos de sedução afirmativa. O simbolismo francês da segunda metade do século XIX, e Gustave Moreau (1826-1898) especialmente, se deliciaram com as expressões da eroticidade de Zeus, e no início do século XX, o austríaco Gustav Klimt (1862-1918) pintou *Dânae* (1907-8), um quadro perturbador e altamente erótico, com

as coxas da princesa em primeiro plano.



Partindo-se da variante gráfica *Poteidáon* é possível, segundo Kretschmer, analisar o teônimo como justaposição do vocativo \**Pótei*, v. *Pósis*, ‘senhor, esposo’ e de *Das*, nome antigo da ‘terra’ *dâ* e Demeter, onde Poseidon seria ‘o mestre, o senhor, o esposo da terra’ conforme assinala Pierre Chantraine, com base no dórico, decompõe o vocábulo *Poteidân* em *Posis*, ‘senhor’ e *Dan*, ‘água’ e Poseidon significaria ‘o senhor das águas’.

Como primeiro filho de Cronos e Rhea, era um dos principais deuses do Olimpo e de acordo com certas tradições, é irmão mais velho de Zeus. Primordialmente Zeus terá obrigado seu pai Cronos a regurgitar e restabelecer a vida aos filhos que este sistematicamente engolia, e entre os salvos está Poseidon, explicando assim Zeus como o irmão mais novo. Embora tenha lutado valentemente contra os titãs e fechado sobre eles as portas de bronze do Tártaro, o deus do mar nem sempre foi muito dócil à superioridade de seu irmão Zeus.

Tal independência explica ter participado com Hera e Atena de uma conspiração para destronar o pai dos deuses e dos homens. Teria surtido efeito se não fosse a pronta intervenção do Hecatonquiros, Briareu, chamado às pressas por Tétis. Bastou a presença do monstro para que desistissem de seu plano. Como castigo, Poseidon foi obrigado a servir durante um ano o rei de Tróia, Laomedonte. Ali, juntamente com Apolo, participou da construção da sólida muralha da fortaleza de Tróia. Ao término da fatigante tarefa, Laomedonte se recusou a pagar o salário. Poseidon suscitou contra a região um terrível monstro marinho e na Guerra de Tróia se colocou ao lado dos aqueus.

Essencialmente ctônico, o que não significa infernal, é o Poseidon dos primeiros invasores gregos que, não conhecendo o mar e não tendo um vocábulo seu para designar mar, não poderiam ter trazido consigo um deus do mar. Trouxeram, realmente, um ‘outro deus’, o Poseidon ctônico, senhor das águas subterrâneas, depois das águas ‘terrestres’, nascentes, fontes e lagos, e, só depois, deus do mar. Devem ter sido os emigrantes gregos que povoaram as ilhas e as regiões costeiras da Ásia Menor, esses ‘navegadores convertidos’, que estenderam ao império das ondas, o poder do deus, que até então reinava apenas sobre as águas terrestres e ctônicas.

Desse modo, Poseidon, ‘o sacudidor da terra’, se tornou também ‘o sacudidor do mar’ e recebeu o duplo privilégio de domador de cavalos e salvador de navios. Numa versão tessália, o deus foi pai de Esquífio, o primeiro cavalo, que ele teve de Gaia, e no folclore da Arcádia, foi pai de Aríon, o cavalo de crinas azuis, que ele gerou após transformar-se em garanhão, para conquistar Demeter, metamorfoseada em égua.

Os navegantes oravam para ele por ventos favoráveis e viagens seguras, mas seu

humor era imprevisível. Apesar dos sacrifícios, que incluíam o afogamento de cavalos, ele podia provocar tempestades, mau ventos e terremotos por capricho.

O grande número de suas aventuras amorosas aproxima Poseidon de Zeus, colocando em evidência a sua estrutura original de ‘esposo da terra’ e de ‘abalador do solo’, considerando que as inúmeras aventuras amorosas de Poseidon foram todas frutíferas em descendentes. É de notar que, ao contrário dos descendentes de seu irmão Zeus, os filhos do deus dos mares são todos maléficos e de temperamento violento. Por exemplo, de Teosa nasce o ciclope Polifemo; de Medusa nasce o gigante Crisaor e o cavalo alado, Pégaso. Casou-se com Anfitrite, que foi mãe do ‘imenso Tritão’, divindade terrível e de grandes forças, que habita com sua mãe e seu ilustre pai um palácio de ouro nas profundezas das águas marinhas.

O deus dos mares é retratado na *Ilíada* de modo pitoresco: segundo Homero, com três largos passos divinos, que fazem as montanhas estremecer, Poseidon alcança a sua morada dourada e reluzente nas profundezas aquáticas do mar Egeu. Atrela os cavalos e sobe para o seu carro dourado, seguindo o seu caminho por cima das ondas sem molhar o eixo do carro. O mar abre-se jovialmente, os animais marinhos e os monstros das profundezas aproximam-se e brincam por baixo dele na água — *eles conhecem o seu senhor*. Seu cortejo era formado por peixes, golfinhos e criaturas marinhas de todas as espécies, desde Nereidas até gênios diversos.

Geralmente, Poseidon usava a água e os terremotos para exercer vingança, mas também podia apresentar um caráter cooperativo. Ele auxiliou bastante os gregos na Guerra de Tróia, mas levou anos se vingando de Odisseu, que havia ferido um de seus filhos, o ciclope Polifemo. Esta história se encontra na *Odisséia*, Canto IX.. Anos depois de terminada a guerra em Tróia, Poseidon, do lado dos montes Solimos, avista Odisseu sobre a sua jangada. Irado, empunha o seu tridente, revolve o mar, levanta os ventos, cobre terra e mar com nuvens, faz com que uma onda gigantesca despedace a jangada e regressa depois, resmungando, à sua morada perto de Egeida.

Quando os homens se organizaram em cidades, os deuses decidiram escolher uma ou várias delas, onde seriam particularmente honrados. Acontecia frequentemente, no entanto, que duas ou três divindades escolhiam a mesma, o que provocava sérios conflitos. Em uma famosa disputa entre Poseidon e Atena para decidir qual dos dois seria o padroeiro de Atenas, Poseidon foi logo se apossando da cidade. Para mostrar sua força, fez brotar da terra, com um golpe de tridente, uma fonte; outros dizem que foi um cavalo. Atena tendo convocado o rei da região, Cécrops, tomou-o por testemunha de sua ação: plantou simplesmente um pé de oliveira, símbolo da paz e da fecundidade. Atena venceu e ganhou a cidade, que passou a ser conhecida pelo seu nome, Atenas.

Na arte figurativa da antiguidade se pode encontrar um Poseidon desde o século VII a.C. como um homem alto com barba. Se parece muito com Zeus, embora tenha um aspecto mais impetuoso e o cabelo muito mais áspero.

Lisipo Créo (ca. 350–340) representa em duas estátuas um Poseidon de pé, com um tridente na mão e um golfinho na outra, enquanto descansa um de seus pés sobre o casco de um barco. Mosaicos e relevos de sarcófagos mostram o deus em meio dos habitantes marinhos.

Também na época moderna Poseidon é reconhecido quase sempre por seu tridente, seu aspecto selvagem e seu cabelo desgrenhado. Em um dos motivos recorrentes no Renascimento tardio e no Barroco, o deus conduz sobre as ondas um carro arrastado por um cavalo marinho, e algumas vezes em companhia de seu filho Tritão, que toca uma trompa, centauros marinhos, Nereidas e Anfitrite, sua consorte. Rubens (ca. 1620), A. Bloemart (entre outras, ca. 1615), Possussin (ca. 1635-36), Jordaens (1655, Rubenshuis, Âmbares), Cavallino (ca 1645-1655), Giordano (1682) e Ricci (1700-05).

Como deus dos mares é apropriado para a decoração de fontes, algumas foram conservadas, por exemplo, a fonte de Neptuno de Ammanati (ca. 1560-75) na praça de Signoria em Florência e a de Giambologna (ca 1566) em Bolonia; e para obras hidráulicas, por exemplo, o grupo de esculturas de Posidon, Anfitrite, Tritões e Nereidas em “Bassin de Neptune” no parque de Versalles por L-S Adam (1741).

São raras as cenas mitológicas que tratam diretamente de Anfitrite ou de alguma situação específica. Jan Gosseaert utiliza em 1516 Poseidon e Anfitrite para um estudo do nu. Algumas vezes se encontra Poseidon na companhia de Amimone, como em Boucher (1764). Jordaens (1644) representa a criação do cavalo. Em uma pintura de Crane (1892) as ondas se transformam em um furioso império.



### 3. DEMETER

Vanessa V. Batista e Bruna A. do Carmo

Até o presente momento, segundo estudo de Brandão (1991), não há etimologia definida para Demeter. A hipótese mais aceitável seria dizer que tal nome seria um composto de *Dâ>Gâ>Guê*, ‘Terra-Mãe’ e de *Meter*, ‘Mãe’, o que significaria, portanto, Demeter a mãe da terra ou Terra-Mãe, entretanto não é comprovado que tenha existido no dialeto dórico o termo *Gâ* com o sentido de ‘terra’.

Demeter é a divindade da terra cultivada. Pertencente à segunda geração divina, é filha de Crono e Rhea, a deusa maternal da Terra.

Consoante o historiador Heródoto (*História*, 2, 171), os cultos mais antigos da deusa do trigo foram afogados pelas invasões dórias, a partir do séc. XII a.C. Ficaram, no entanto, alguns vestígios dessa fase antiga, particularmente na Sicília, na Arcádia, onde a deusa estava associada ao Poseidon primitivo, o deus-cavalo, bem como em Elêusis, sede dos augustos Mistérios de Elêusis (Brandão: 1991, 271).

De acordo com um mito cretense, narrado por Hesíodo na Teogonia, a grande mãe Demeter uniu-se a Iásion sobre um terreno lavrado três vezes e que dessa ligação nasceu Plutos, o deus da riqueza.

No *Hino homérico a Demeter*, documento importantíssimo para o estudo do mito de Demeter, é descrito o rapto de sua filha única, Core, ou Persefone, por Hades, a tristeza de Demeter, a sua vingança contra os outros deuses, sua busca pela filha, sua afeição pelos humanos através de Demofonte, a volta de Persefone e o estabelecimento dos mistérios de Elêusis. Composto pelos fins do séc. VII a.C., neste hino a deusa da terra é proclamada a maior fonte de riquezas e alegrias. O poeta inicia assim o canto, glorificando a ela e a sua filha:

Começo por glorificar em meu canto a Demeter, veneranda deusa de bela cabeleira, e a sua esbelta filha a quem arrebatou Adoneo! Zeus, o de resonante trovão e amplos olhares, a entregou sem que o soubesse Demeter, a de áurea espada e frutos gloriosos, quando aquela jogava juntamente com as filhas de Oceano, as de profunda cintura. Ela colhia flores num ameno prado: rosas, açafraão, belas violetas, íris, jacintos e o narciso que a Terra fez crescer pela vontade de Zeus (...), com o fim de enganar a donzela de cutis de rosa e agradar a Polidectes. ( *Hino homérico a Demeter*: 1998, 1-11).

Quando Demeter recuperou a companhia de Persefone, sua amada filha, esta já não era mais core, tratamento grego para donzela, no sentido de moça virgem. Fundamentalmente o culto se vincula ao mistério da iniciação sexual feminina e do casamento, e a obscuridade, o rompimento com a mãe, o rapto, todas estas imagens se relacionam com Hades, o deus marido-raptor e o espaço do Hades enquanto mundo dos mortos. Longe dos Olímpicos, no espaço vazio do reino dos mortos, Hades queria uma esposa à sua altura e a filha de Demeter e Zeus, sua sobrinha, foi a escolhida. Ela, como deusa floral, trouxe vida ao subsolo, e é ela própria uma semente de desejo para o

deus.

Os Mistérios de Elêusis, com sua iniciação rigorosa, preservaram a narrativa deste mito fundador e a memória da aprendizagem do plantio da semente ao ritmo das estações e ao ciclo da semeadura e colheita para produção do que é considerado o mais precioso dos cereais, o trigo, cereal de Demeter por excelência.

Os cultos mais antigos de Demeter foram afogados pelas invasões dóricas, mas temos registros de espigas de ouro sendo ofertadas em santuários nos picos das montanhas, nas ilhas do Egeu do período Minóico. Antes disso, encontramos desde o Neolítico figurinhas de pedra, em forma de mulheres com amplos seios e quadril largo, que podem atestar a presença constante da mulher ligada à preservação da natureza, atributo de Demeter enquanto deusa-Terra fértil.

Tanto no mito quanto no culto, Demeter está ligada à sua filha Core/Persefone, mostrando as aventuras e o sofrimento das duas deusas. Constituem assim o mito central, cujo verdadeiro significado era somente revelado aos Iniciados nos Mistérios de Elêusis, que representava a travessia ao outro mundo, cuja dor da perda só poderá ser aliviada pelo mistério do renascimento. A essência desses Mistérios não foi revelada pelos sacerdotes Iniciados, nem escrita, pois seria considerado um sacrilégio, a divulgação de um processo ritual individual sigiloso e pessoal. Supõe-se que, a partir do mito de perda e regeneração, o sentido do culto é experimentar a morte simbólica como projeção da ressurreição das sementes, de Persefone, da própria vida. Elêusis devia prover ao Iniciado a compreensão profunda da circularidade dos acontecimentos, da periodicidade dos ciclos e da regeneração.

A narrativa do *Hino homérico a Demeter* é, em linhas gerais, a seguinte. Core crescia feliz entre as belas ninfas, Atena e Ártemis, suas irmãs, filhas de Zeus. Hades raptou-a com a anuência de Zeus, o pai, mas sem o conhecimento de Demeter, a mãe. A jovem colhia flores no campo. De repente a terra se abriu e Hades, Invisível, a levou para o mundo ctônio, termo grego que designa a 'obscuridade da terra'. Conforme o Hino:

Contra sua vontade, pelo conselho de Zeus, a levou seu tio paterno com os cavalos imortais (...) foi quando por fim a escutou a veneranda mãe: ela sentiu que uma dor aguda lhe transpassava o coração, destroçou com as mãos as fitas que prendiam sua cabeleira imortal, jogou sobre os ombros um manto negro e saiu apressadamente, à maneira das aves, em busca de sua filha pela terra e pelo mar. Mas nenhum dos deuses nem dos mortais quis revelar-lhe a verdade. (...) Assim andou a nobre Demeter vagando durante nove dias pela terra com uma tocha nas mãos, cheia de tristeza (idem, 33-49).

Começa assim a longa busca de Demeter por sua filha. No décimo dia de procura, Demeter encontrou Hécate, deusa da lua, no seu aspecto obscuro, infernal, que também ouvira o grito de Core, e vinha dar notícia. Ela não conseguira ver quem levou a jovem, pois a cabeça do raptor estava cingida pelas sombras da noite. Somente Hélio, que tudo vê, poderia dizer-lhe a verdade. Assim, Demeter procurou Hélio, o sol, e este foi forçado a contar o que sabia:

Hélio — Oh, rainha Demeter, filha de Reia, a de bela cabeleira, tu saberás!

Porque muito te venero e me apiedo de ti ao ver-te abatida por causa de tua filha. Nenhum dos imortais é culpado senão Zeus, que amontoa nuvens, o qual a deu a Hades, seu próprio irmão, para que a chamasse sua esposa (*ibidem*, 75-77).

Demeter, muito irritada com Zeus e com Hades, seus familiares mais próximos, decide não mais voltar ao Olimpo, permanecendo na terra. A deusa não quer ser reconhecida e se apresenta sob o aspecto de uma anciã. Andando pela zona da Ática, acaba se sentando numa pedra num lugar chamado Elêusis, não muito longe da Atenas histórica. Interrogada pela filha do rei local declarou-se chamar Doso. Então foi convidada a ficar e cuidar do filho recém nascido da rainha Metanira, Demofonte.

Demeter apegou-se ao menino e desejava torná-lo imortal. Uma noite Metanira viu seu filho sendo segurado por Demeter sob as chamas do fogo, o que fazia parte de um rito para imortalização. A rainha, sem entender, pôe-se a gritar, interrompendo o grande ritual. É neste momento que se conhece a descrição da epifania de Demeter, ou seja, quando a deusa aparece aos mortais como tal, com todo o seu poder, e exclama:

Homens ignorantes, insensatos, que não sabeis discernir o que há de bom ou de mal em vosso destino. Eis que tua loucura te levou a mais grave das faltas! Juro pela água implacável do Estige, pela qual juram também as deusas: eu teria feito teu filho um ser eternamente jovem e isento da morte, outorgando-lhe um privilégio imorredouro. A partir de agora, no entanto, ele não poderá escapar da morte nem das Parcas (*ibidem*, 255-264).

Demeter pediu que erguessem um templo para ela ali mesmo em Elêusis, e então se recolheu neste templo, enquanto uma terrível seca se abateu sobre o mundo. Zeus, preocupado com o destino da terra, pedia que Demeter voltasse ao Olimpo, pois toda natureza dependia dela e estava morrendo. Seu pedido foi em vão. Demeter recusava-se a voltar, pois sua filha única lhe havia sido roubada e a deusa exigia sua restituição. Somente permitiria que a vegetação voltasse a crescer quando lhe entregassem sua filha.

Zeus então foi obrigado a renegociar a filha com o irmão-genro: Hades deveria devolvê-la. Entretanto, o deus dos mortos entregou a jovem após esta ter comido alguns grãos de uma romã. Core só seria devolvida inteiramente a Demeter se não houvesse comido nada, pois quem come da comida do mundo dos mortos, fica preso a ele. Sendo assim, a jovem foi obrigada a permanecer o número de meses equivalentes ao número de grãos de romã comidos no mundo dos mortos em companhia do consorte: quatro meses com o esposo e oito com sua mãe, gerando assim o padrão cíclico que se seguiu.

Noutras versões mais recentes, com o calendário romano, o número de grãos foi elevado de quatro a seis, e o padrão cíclico das quatro estações conforme as conhecemos estava fixado: Persefone é levada para o Hades e o outono principia – tudo seca, o frio cobre a terra de gelo e nada frutifica ou floresce durante seis meses. No início da primavera, Persefone retorna e a natureza acorda, as primeiras flores desabrocham e a grama nova brota, e as duas deusas passam juntas os outros seis meses, equivalentes à primavera e ao verão, sobre a terra.

Há várias representações do mito de Demeter e Core, imagens das deusas em

diferentes cenas. Em numerosos santuários, sobretudo na Sicília, foram encontradas figuras em argila de Demeter com uma guirlanda de flores na cabeça, normalmente em companhia da filha. Uma escultura famosa é a *Demeter de Cnido* (ca. 340 a.C.) em mármore, conservada no British Museum. Um relevo procedente do santuário de Elêusis, e conhecido por cópias, apresenta Demeter e Persefone oferecendo o trigo a Demofonte, revelando-lhe o mistério do plantio da semente. Rubens dedica o quadro *Ceres e as Ninfas*, conservado no Museu do Prado, para representar a figura da deusa como símbolo da prosperidade agrícola, enquanto em outro quadro dedicado a ela, *Ceres e Pan*, também no Museu do Prado, o pintor introduz além da natureza abundante, outras divindades silvestres, como Pan e as ninfas.



Uma das doze divindades do Olimpo, sua personalidade delineada provém da *Iliada* de Homero, mas é uma deusa que remonta a períodos ainda mais antigos da história grega. Segundo Brandão (1991) a etimologia de Hera remontaria à seguinte origem: *Hera*, jônico *Here*, micênico *Era*. A hipótese mais provável seria considerá-la como da mesma família etimológica que heros, herói, como designativo dos mortos divinizados, ‘os protetores’ e, nesse caso, Hera significaria a ‘protetora’, a ‘Guardiã’. A base seria o indo-europeu seria da raiz de ser ‘guardar’, ‘proteger’, donde o latim *seruare* ‘conservar, velar sobre, ser útil’. É bem possível que tanto heros quanto Hera tenham origem pré-helênica.

Era filha de Cronos e Rhea, irmã de Zeus. Hera foi identificada com a cama e com a vaca, e principalmente venerada como deusa protetora do casamento, das mulheres casadas, das crianças, dos lares, evocada como senhora dos partos. É esposa de Zeus, a rainha dos deuses olímpicos. O mitólogo italiano Roberto Calasso (1991:22) acrescenta que “Hera é a deusa da cama. O véu para ela, o primeiro véu é o *pastós*, aquela cortina nupcial que circundava o *thálamos*. Em Samos, em Paestrum, permanece o testemunho de que a cama era o objeto central de seu culto. (...) A cama foi, para a deusa, o lugar primordial, o recinto de devoção erótica”.

Seu animal é o Pavão, símbolo da primavera. Ela era venerada em vários locais de culto, especialmente em Argos, onde tinha o templo considerado o mais antigo da Grécia, o Heraion. Calasso (1991: 9) comentando o episódio de Io, assim se refere ao espaço sagrado: “... quando Io era sacerdotisa no Heraion perto de Argos, o mais antigo dos santuários, o lugar dava a medida do tempo: estações a fio os gregos contaram os anos referindo-se à sucessão das sacerdotisas do Heraion”.

Seu culto também era difundido em Creta, Esparta, Micenas e Samos, onde um grande templo foi construído em sua honra. Espalhados pela zona do Peloponeso, estes locais religiosos mais antigos remontam ao período do Bronze, e em Creta certamente, pois seu apogeu está entre 1600 a 1450 a.C.. Portanto também a arqueologia confirma o caráter ancestral desta figuração feminina.

Hera é uma potestade da soberania feminina, que não para de afrontar e provocar o senhor do Olimpo para tornar produtivas suas próprias estratégias. Hera encarna e espelha o poder da mulher doméstica, que intervém com muita frequência nos assuntos masculinos, como na guerra de Tróia, quando protegeu os aqueus contra Páris, simplesmente porque havia perdido um concurso de beleza em que o príncipe-pastor fora o juiz.

Um momento simbólico da vida conjugal de Zeus e Hera é o da disputa a respeito do nascimento de Hércules. É, ao que as fontes indicam, o filho bastardo que Hera mais perseguiu, entrelaçando firmemente sua vida com obstáculos invencíveis. Esse

episódio não está preservado por Apolodoro, na *Biblioteca* (II, 8-9), a fonte mitográfica mais completa sobre a narrativa de Hércules, fazendo-nos desconfiar de sua antiguidade. É o seguinte: quando Hércules estava prestes a nascer, Zeus declarou aos deuses que o descendente de Perseu — o que ia vir ao mundo — seria o senhor da Argólida inteira, de Micenas e de Argos. Hera, enciumada, persuadiu Ilítia a atrasar o parto de Alcmena, a amante de Zeus, e fez com que Euristeu, filho de Estênelo e de sua prima, portanto também da linhagem de Perseu, nascesse de sete meses. Isso teria feito de Hércules vassalo de Euristeu durante toda a sua vida.

Tanto Homero como Platão relacionam seus nomes com o ‘ar’. Na *Iliada* é chamada de ‘rainha do céu’ e ‘Hera do trono dourado’. Também é chamada ‘deusa dos brancos braços’, uma imagem romântica dos raios de Lua que se estendem pelo céu noturno. Por outro lado, o epíteto que Homero dá a Hera, *boopis* significa ‘de olhos de vaca’, sugere que ela também seja uma deusa da Terra, cuja imagem sempre foi a da vaca desde as épocas mais antigas: a Ninhursag suméria e a Hator egípcia, por exemplo, para não mencionar as consortes anônimas de uma longa série de touros fertilizados cujas asas tinham forma de lua crescente. Hera é chamada em Samos ‘nascimento, raiz de todas as coisas’. Hera se apropriou dos templos micênicos e seu culto se estendeu por toda a Grécia. As espigas de trigo eram chamadas de ‘flores de Hera’ e eram colocadas sobre seu altar quando se sacrificava o gado.

Em muitos lugares da Grécia se celebrava o matrimônio sagrado entre Hera e Zeus, representando-se de novo o antigo ritual do casamento entre o céu e a terra, que bendizia e regenerava a vida. Na descrição de sua reconciliação na *Iliada* (XIV, 313-349) podemos encontrar recordações do ritual misterioso do matrimônio sagrado. Quando se reconciliavam, toda a terra florescia. Era como se esse acontecimento divino, que antigamente unia os princípios complementários do universo, se secularizasse na Grécia patriarcal para servir, antes de tudo, como modelo para o reto ordenamento da sociedade mediante o cumprimento devido à cerimônia do matrimônio.

Apesar deste elemento consolidador presente na hierogamia de Zeus e Hera, a passagem supra referida da *Iliada* nos apresenta uma Hera ardilosa, usando de artimanhas para encantar Zeus e fazê-lo dormir para poder socorrer os dânaos em Tróia. O sexo ali foi manipulativo e seu erotismo muito bem planejado. Recorreu a Afrodite, dizendo-se preocupada com a vida sexual de Oceano e Tétis, o casal marinho que a criara, para conseguir algum amuleto erótico infalível. De posse deste, atuou sobre Zeus. O deus quis deitar-se com ela ali mesmo na montanha, mas a esposa, cheia de falsa modéstia, respondeu, espicaçando seu desejo:

— Temível filho de Crono, que disseste? Agora, cheio de amor, queres deitar-te no cimo do Ida, aberto a todos os olhares! Que aconteceria se um dos deuses eternos nos visse adormecidos, e fosse contá-lo a todos os deuses? Quanto a mim, não voltaria ao teu palácio ao erguer-me deste leito: seria vergonhoso! Mas se queres, se agrada ao teu coração, tens um quarto que te construiu teu filho Hefesto. Vamo-nos deitar lá, visto que o leito te atrai.

Zeus, juntador de nuvens, respondeu:

— Hera, não temo ser visto pelos deuses nem pelos homens, tal será a nuvem em que me envolverei, uma nuvem de ouro. O próprio sol não conseguiria avistar-nos, ele cuja luz é a mais penetrante.

Com estas palavras, o filho de Crono tomou a sua esposa nos braços. A terra divina fez brotar debaixo deles uma erva nova, lótus coberto de orvalho, açafião, jacinto, tálamo espesso e mole que os levantou acima do solo; foi aí que eles se deitaram, rodeando-se de uma nuvem de belo ouro; dela caía um orvalho brilhante (*Ilíada*: XIV, 313-349).

Esta é uma das descrições mais explícitas de união sexual que a textualidade grega, através de Homero, nos oferece. Não gratuitamente, a personagem central é Hera. A veneração de Hera e Zeus unidos só é garantida pelos documentos do período arcaico. Sua união sagrada está representada em uma métopa em Micenas (ca. 620 a.C.) e em uma métopa em Selinunte (ca. 460 a.C.). Na época romana, reaparece o tema nas pinturas murais. A ‘Juno Ludovisi’, uma obra classicista de ca. 40 d.C. era para Winckelmann, Goethe e Schiller a obra mestra absoluta da arte antiga.



“Ares é, aparentemente, um velho substantivo abstrato com o significado de ‘tumulto da guerra’ ou ‘guerra’” (Burkert: 1993, 331). Também é relacionado com ‘desgraça, infortúnio’ podendo-se fazer uma citação aproximada do sânscrito, *ele se enfurece*.

Ares é o deus da guerra, filho de Zeus e Hera, cultuado pelos gregos e mais tardiamente pelos romanos que lhe deram o nome de Marte, e que também seria, em Roma, deus da agricultura. A figura de um deus da guerra é comum a todos os povos antigos, pois ela era constante entre eles. Mesmo assim, Ares nunca foi aceito inteiramente pela sociedade grega, devido a sua notável crueldade, instinto, e por ser companheiro do medo, *Phobos*, do terror, *Deimos*, e da discórdia, *Eris*. Sua presença levava à morte sem glória, à devastação sem propósito, à vitória sem merecimento.

A ideia de um deus violento e mestre da guerra faz com que muitas opiniões divirjam de que um deus representasse tal qualidade, chegando a compará-lo com um demônio popular tirando-lhe a divindade. O próprio Zeus o chama de “o mais odioso de todos os imortais que habitam o Olimpo”.

As narrativas evidenciam a superioridade de Atena, deusa da inteligência e da estratégia, que sempre apoiou aos gregos, frente a Ares que se aliava aos inimigos. De acordo com Jean Pierre Darmon (In Bonnefoy, 214, 15) “suas posições são rigorosamente antitéticas (...): Atena é a deusa virgem por excelência, a *Parthenos*, Ares viola e provoca gravidezes. Atena está eminentemente dotada de *métis*; Ares, é, entre todos os deuses o mais desprovido dela”. Fica evidente a irritação de Ares quando é obrigado a enfrentar Atena. Muitas vezes a deusa combatia seu irmão indiretamente, incitando os heróis gregos a enfrentá-lo (*Ilíada*, V, 761-5 e 824-864; XV, 121-142; XXI, 391-415).

Ares raramente era incluído em cultos na Grécia antiga, salvo em Esparta onde ele era propiciado antes da batalha. Em Esparta havia uma estátua do deus acorrentado para demonstrar que o espírito de guerra e vitória nunca deveria deixar a cidade. Assim, um sacrifício podia ser feito a Ares para pedir ajuda na véspera de uma batalha.

O templo a Ares na ágora de Atenas que Pausânias viu no século II d.C. só tinha sido rededicado a Ares durante o tempo de Augusto; na essência, ele era um templo romano construído em honra a Marte.

Ares era reconhecido através de símbolos, como sua armadura, e os pássaros que lhe simbolizavam eram a coruja de celeiro, o pica-pau, o bubo e o abutre. De acordo com a fábula 30 de *Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes, os pássaros de Ares eram um bando de aves que lançavam penas em forma de dardos e que guardavam o templo das amazonas do deus em uma ilha costeira do Mar Negro.

Ares protagoniza não só batalhas, mas também uma narrativa sobre a

responsabilidade paterna e o papel de defensor da vida dos filhos, no caso, da filha atacada. Segue sua narração:

Ares é julgado ante os deuses: - “O deus da guerra passeia, despreocupado, usufruindo de uma bela paisagem. De repente, gritos de pavor ferem-lhe os ouvidos e detêm-lhe a caminhada. Seus olhos procuraram ao redor, e depararam, revoltados, com uma cena de violência.

Correndo sobre a relva, uma jovem foge de um rapaz que tenta agarrá-la. Tem as vestes parcialmente rasgadas. Ares interfere. Rápido e preciso, segura a moça, e a defende com seu corpo.

Ao vê-lo, o perseguidor para, perplexo. Não sabe o que fazer. Ainda está ofegante de desejo, mas agora também sente medo.

À sua frente, crispado de ódio, Ares lança um grito de guerra. E ataca. Os olhos da moça choram horrorizados com a violência.

Assim aconteceu, relata Ares. E os imortais ouvem atentamente suas palavras. Pela primeira vez um homicídio está sendo julgado no Olimpo.

Poseidon mal pode conter sua irritação: o jovem morto era Halirrótio, seu filho. Mas ao invés de vingar-se de Ares, resolvera conduzir-se de modo racional, e convocara as divindades para julgar o crime cometido pelo senhor da guerra.

Ares defende-se dizendo que agia em legítima defesa. Afinal, a jovem que fugia assustada era Alcipe, sua filha. Os deuses confabulam; até que surge o veredicto final: Ares é inocente.

Na colina de Atenas, chamada *Areópago* em memória deste episódio mítico, restam apenas os ecos das palavras, pois recebera Ares numa hora de angústia, como réu de um julgamento. O local passou a chamar-se Colina de Ares. E depois serviu de cenário a vários tribunais humanos.

Ares deve ser lembrado principalmente em relação ao seu romance com Afrodite, deusa casada com o seu irmão coxo. Esta relação amorosa permeia o imaginário Ocidental. Foi o maior e mais escandaloso adultério da família dos Olímpicos. Mas o contato entre energias tão antagônicas sugere a formação de um desejo intenso pela complementariedade, pelo equilíbrio entre os desiguais. Ares representava a guerra, senhor das batalhas onde houvesse sangue e mortes, uma força primordial, enquanto Afrodite reinava sobre os jardins com água corrente, fontes, animais silvestres, música e artes em geral, senhora das sensações prazerosas físicas e espirituais. Sua união aproximou os contrários, embora já estivessem divididos em gêneros distintos.

A dupla ‘amor e guerra’ na Mesopotâmia era unificada numa figura divina feminina: Innana, para os sumérios e Ishtar desde a conquista acádica de 2000 a.C.. Esta deusa concentra em si os atributos do casal ocidental. Representada no céu pelo planeta Vênus, ela é a deusa da guerra quando aparece no amanhecer, instaurando o dia que é o movimento do trabalho e da guerra, e é a deusa do amor ao entardecer, abrindo as portas da noite e, com elas, as do sexo. Os mesopotâmicos conheceram uma fluidez entre o amor e o ódio que os gregos perderam. O máximo que conseguiram foi imaginar o casal formado pelo par Afrodite e Ares gerando Harmonia, Eros, Anteros, Phobos, *Deimos*, cada um dos filhos conforme as diferentes versões.

No *hino homérico a Ares* observa-se o tipo de evocação direcionada ao deus:

Ares audacioso, Ares sob o qual se dobra teu carro, Ares do capacete de ouro, Ares do coração indomável, Ares do escudo, Ares salvador das cidades, Ares encouraçado de bronze, Ares da mão poderosa, Ares infatigável, Ares da forte lança, Ares muralha do Olimpo, Ares pai da vitória, Ares auxiliar de Têmis, Ares que objurgas os rebeldes e comandas os justos na paz, ó príncipe do valor guerreiro, cujo o globo refulgente gira entre os sete astros que cumprem sua trajetória sobre nossas cabeças, cuja órbita, percorrida por teus

cavalos de fogo, ocupa o terceiro lugar do céu, escuta ,ó socorro dos mortais de quem a juventude obtém a bravura como dom, lá do alto ilumina com pacífico fulgor o curso de minha existência; um favor digno de Ares, preservando-me da covardia, não deixe também de reprimir em minha alma a impetuosidade que faz perder-se e de conter a paixão que me leva às contendas cruéis das batalhas. Dá-me, bem-aventurado olímpico, ao mesmo tempo que a coragem, a graça de viver em paz na segurança das leis, e de escapar aos assaltos dos maus e aos estímulos de violência ( *Hino homérico a Ares: VIII, 1-17*).

Ares não parece ocupar, entre os deuses olímpicos, um lugar proeminente, embora seja o filho legítimo de Zeus e Hera. Desde a arte arcaica até a clássica e helenística sofre, assim como os outros deuses, uma evolução desde um personagem vestido e barbado a um jovem desnudo e imberbe. É reconhecido na pintura de vasos pelos atributos de guerra que impunha: escudo, lança ou espada, capacete e couraça. Na arte helenística, que tem influências orientais graças às conquistas de Alexandre no final do século IV a.C., aparece representada sua relação com Afrodite, geralmente sem referências a nenhuma situação específica.

O deus Ares, Marte para os romanos, foi muito apreciado em Roma. Muitas peças de arte romana representam-no, entre mármore e bronze para as esculturas, pinturas murais, como as encontradas na cidade de Pompéia, e mesmo sarcófagos. Conhecemos retratos da época imperial romana de homens que se deixaram representar como o deus da guerra por causa de suas funções militares.

Na arte figurativa da Idade Média e do início do Renascimento, Ares é representado com frequência num carro de combate, equipado com o chicote e acompanhado por um lobo. Muitas das imagens de iluminuras ou gravuras em metal são confeccionadas como partes de conjuntos de estudos astrológicos. Marte é o planeta e sua relação com o deus foi fartamente representada de maneira alegórica. São vários os exemplares desta arte esotérica muito disseminada, inclusive entre os árabes.

Desde a segunda metade do século XV até o século XVIII Ares foi representado com Afrodite, acentuando o caráter de erotismo do casal. Encontramo-los em Botticelli (1483), Mantegna (1497), Piero di Cosimo (1490-1505), Veronese (1584), até Jean-Louis David (1824) retoma este tema numa representação em que Afrodite desarma Ares.

Já um Ares pensativo e calmo foi também representado por Velásquez (1640), Rembrandt (1655) e Schadow (1792). No século XX, Beckmann (1908) reencena os amores de Ares e Afrodite, reforçando a memória desta união paradigmática.



Hefesto, segundo a etimologia definida por Brandão(1991), é o mesmo dórico Háphaistos e eólico Áphaistos. Hefesto, segundo Chantraine, é um nome “particularmente obscuro”. Carnoy opina que talvez se pudesse, partindo da forma eólica (embora o autor diga “forma dórica”) Áphaistos, decompor-lhe o nome em *ap>aph*, ‘água’ e *aidh>aistos*, ‘acender, pôr fogo em’. Coxo, mutilado como o relâmpago, precipitado, como ele, do céu para a terra ou para a água, Hefesto seria o fogo nascido nas águas celestes. Hefesto era o deus do fogo, da metalurgia e das erupções vulcânicas, o ferreiro dos deuses e o construtor de armas, jóias, ferramentas e utensílios.

Seu nascimento é descrito por Homero *Ilíada* (I, 573 ss) e *Odisséia* (VIII, 312) como o filho feio e manco de Zeus e de sua esposa Hera. Teria ainda, conforme a versão de Hesíodo, *Teogonia* (927), nascido devido a um desafio de Hera sobre Zeus, após ele gerar Atena sem a sua participação. Assim como seu nascimento, a deformidade do deus manco também tem duas versões, descritas por Homero (*Ilíada* I, 590 ss e XVIII, 394 ss).

Numa das versões, Hera discutia com Zeus a respeito de Hércules, e Hefesto, embora ainda criança, tomou partido a favor da mãe. Então Zeus, já muito irritado, agarrou-o pelo pé e o atirou Olimpo abaixo. Ele acabou caindo no mar e foi encontrado por Tétis, a rainha dos oceanos. Durante nove anos o menino permaneceu escondido sob as águas. Mas seu talento era enorme e desde então ele passou a fabricar milhares de engenhosos objetos para as ninfas do mar. Compreensivelmente, também se sentia furioso com a maneira com que fora tratado e, à medida que seu corpo e sua mente foram se fortalecendo, planejou uma vingança astuciosa.

Na segunda versão, Hera o jogou do Olimpo ao ver que seu filho havia nascido feio e coxo, o que para ela era uma marca de humilhação, uma vergonha sem igual. A vingança tramada por Hefesto é a mesma, independente de qual modo ele foi expulso do Olimpo. Um dia, Hera recebeu do filho ausente uma surpresa: um requintado trono de ouro, lindamente esculpido e decorado. Sentou-se nele, encantada, mas ao tentar se levantar, foi subitamente agarrada por mãos invisíveis. Os outros deuses tentaram retirá-la do trono, mas todo esforço foi em vão pois somente Hefesto seria capaz de soltá-la. Ele, porém, se recusou a deixar as profundezas do oceano.

O deus da guerra, Ares, seu irmão, tentou agarrar Hefesto e o levar a força para libertar Hera, mas o mesmo se defendeu jogando nele tições em brasa. Dioniso, seu meio-irmão e deus do vinho, teve mais sucesso: embriagou Hefesto, colocou-o no lombo de uma mula e o levou até o Olimpo. Mas Hefesto continuou se recusando a cooperar, a menos que seus pedidos fossem atendidos. Um dos seus pedidos foi ter como esposa a mais encantadora das deusas, Afrodite. O segundo era voltar ao Olimpo.

Com a promessa de que seria atendido, elelibertou Hera do trono. Assim, casou-se com Afrodite e passou desde então a habitar o Olimpo.

Embora casada com Hefesto, Afrodite teve muitos amantes, como é próprio de uma deusa com seus atributos, dentre eles deuses e mortais. Sendo o símbolo da beleza, da graça e da sensualidade, suas traições refletiam a outra face do amor, a de fluxo e impermanência. Com o marido, o casamento formal e o adultério.

Por mais que Zeus tenha tido relações extraconjugais, é o mito de Hefesto, Afrodite e Ares que expõe e penaliza (ainda que levemente em contraste com os castigos descritos na história social) a situação de ser flagrada com o amante pelo marido. Em Homero, *Odisséia*, VIII, temos o tecido do adultério sendo delineado já numa estrutura de metalinguagem, onde o recurso literário é utilizado, pois é um aedo que, num banquete, está cantando aos comensais o episódio dos amores da deusa. Neste canto dentro de um canto, ouvimos:

Como pela primeira vez eles se uniram em segredo na morada de Hefesto; ele seduzira-a com vários presentes, e foi assim que desonrou o leito do poderoso Hefesto. Mas não tardou que Hélio viesse revelar-lhe tudo, pois vira-os unir-se de amor. Assim, logo que ouviu este relato que lhe dilacerava o coração, Hefesto dirigiu-se para a sua forja, arquitetando dentro de si a sua vingança. Apoiou sobre a base a sua grande bigorna, e fabricava a martelo laços infrangíveis, inextrincáveis, a fim de neles reter presos os amantes. Depois de, cheio de cólera contra Ares, ter fabricado tal armadilha, encaminhou-se para o quarto, onde se erguia o seu leito; em torno da armação da cama desdobrou a sua rede; uma grande parte pendia de cima, do teto; era como que uma fina teia de aranha, de que ninguém se podia aperceber (...) logo que acabou de envolver naquela armadilha todo o seu leito, fingiu partir para Lemnos (...) e Ares de rédeas de ouro (...) dirigiu-se à morada do muito nobre Hefesto com o impaciente desejo de se unir à Citeréia (...) entrando na casa, o amante acariciou-a com a mão e saudou-a nestes termos: -Vem até aqui, querida, a este leito; vamos fruir nele a volúpia; Hefesto já não está no Olimpo (Canto VIII, 268 e ss).

Os presentes aparecem no texto de Homero como o modo operativo da sedução. A deusa deita-se com o amante na cama do marido, desonrando-o. A revelação por Hélios reaparece, no mesmo molde do mito do rapto de Perséfone, pois o sol que tudo vê não é conivente com qualquer 'situação obscura' (chamemos assim por enquanto estas situações extraordinárias).

(...) Estenderam-se depois, ambos na cama, e dormiram: e em torno deles estava desdobrada a rede. Já não podiam se mexer nem erguer os membros. Compreenderam então que não restava meio algum de escapar. E diante deles chegou o ilustre ambidestro (...) Parou no limiar do quarto e invadiu-o uma fúria selvagem. Soltou um grito terrível e chamou todos os deuses: (...) - Vinde ver como estes dois foram dormir e amar-se no meu próprio leito, e tal espetáculo aflige-me. Mas não creio que eles desejem ficar assim deitados, mesmo por pouco tempo, por muito ardente que seja o seu amor. Em breve eles já não quererão dormir juntos; mas a minha armadilha, a minha rede, mantê-los-á prisioneiros, até que o pai dela me tenha restituído exatamente todos os presentes que eu lhe dei pela sua filha desavergonhada; porquanto ela pode ser bela, mas não tem pudor! (Canto VIII, 296 e ss).

O castigo de Hefesto é expor publicamente os envolvidos no próprio lugar do ato, nus, ao julgamento e comentário do resto dos Olímpicos. Furioso, o marido quer que sejam vistos, fiquem presos e ele seja indenizado pelo pai, o *kyrios*, pelo comportamento da filha. A humilhação, sentimento temido pelos gregos na literatura e na história, aparece aqui como elemento central da punição. Uma *hybris* que é resolvida entre o marido e o responsável masculino, com o testemunho dos outros deuses (apenas os deuses, pois diz o texto que as deusas ficaram em suas casas por decência).

(...) Uma gargalhada elevou-se entre os deuses imortais. Mas Poseidon não ria e não cessava de rogar a Hefesto que libertasse Ares: - Liberta-o; garanto que ele pagará, como tu ordenas, tudo o que te é devido, diante dos deuses imortais (...) Hefesto, se Ares se furtar à sua dívida e fugir, eu mesmo te pagarei o que te é devido. (...) Quando os cúmplices se viram libertos daqueles laços tão estreitamente apertados, logo dali se

escaparam; um partiu para a Trácia; o outro, Afrodite, seguia para Chipre, direita a Pafos (Canto VIII, 343 e ss).

Os diversos casos amorosos extraconjugais de Afrodite não a fazem perder o status de esposa de Hefesto.

Hefesto foi o patrono dos artesãos e de todo trabalho manual, considerado depreciativamente pelo mundo aristocrático grego, embora essencial no processo civilizacional. Fabricou entre outras grandes obras, os raios e o trovão de Zeus, o tridente de Poseidon, a couraça de Hércules, as flechas de Apolo e moldou com argila as formas de Pandora, a primeira mulher criada por Zeus. Outra das suas célebres criações foi a armadura para o herói Aquiles. Após a morte de seu fiel e inseparável companheiro Pátroclo na guerra de Tróia, Aquiles decidiu entrar de novo no conflito, mas não tinha armadura, pois a havia dado de presente a seu pupilo. Naquele momento a mãe de Aquiles, Tétis, a deusa marinha que havia cuidado de Hefesto durante sua infância, procurou o deus do fogo e pediu que ele fabricasse uma nova armadura para seu filho. Ele, concordando, além de confeccionar uma esplêndida armadura, fez também um escudo decorado com representações elaboradas e uma braçadeira com adornos que representavam a terra, o céu, o mar, o sol, a lua e as estrelas.

Mesmo sendo motivo frequente de escárnio nas narrativas por causa de seu defeito físico, foi muito venerado pelas dádivas por ele concedidas aos mortais e sem dúvida nenhuma, Hefesto foi lendariamente o responsável pela difusão da arte de usar o fogo e a metalurgia como método para a construção da civilização.

Na arte grega, Hefesto era representado tanto nas pinturas murais quanto nos vasos, como um homem de meia-idade, com barba, vestindo uma túnica sem mangas e um gorro sobre o cabelo. Na arte das épocas arcaica e clássica, encontramos principalmente representações do regresso de Hefesto ao Olimpo e do nascimento de Atena, onde Hefesto teve um papel proeminente como 'parteiro'. O vaso de cerâmica decorada mais antigo com esta cena data de aproximadamente 680 a.C.. Na Gigantomaquia, ou batalha contra os Gigantes, do friso do Tesouro dos Sínios em Delfos (ca. 525) Hefesto foi representado segurando o fole. O nascimento de Atena foi representado por Fídias (447-738) na fachada oriental do Partenon, em Atenas.

Seu defeito físico é usualmente representado pelas pernas arqueadas ou os pés virados para dentro. Desde o Helenismo, Hefesto tornou-se popular e foi muito representado em pinturas e mosaicos, em sua oficina, confeccionando as armas de Aquiles. Este tema também decorou sarcófagos de homens romanos. Na época moderna, o tema da oficina de Hefesto serve como ornamento em lareiras ou chaminés: exemplos disso são as obras de Peruzzi (1511) e de Luini, do mesmo período, ambas conservadas no Brera, de Milão. Hefesto pode simbolizar o fogo como um dos quatro elementos. Tintoretto (1559-1578) o representa no Palácio do Duque de Veneza, na sua forja, ao lado de Eros e dos Cíclopes, seus servidores.



Daiane S. da Silva, Josiane Manganeli e Judith Aldana Fell

Afrodite, a par do nome ritual *Aphrodíte*, sugere advir do substantivo *aphró*, o que certamente facilitou na etimologia popular a aproximação com *aphrós*, ‘espuma’, do mar, do vinho, porque a deusa, como se verá em uma das versões, nasceu da ‘espumarada’ provocada no mar pelo sangue e esperma de Urano mutilado por Crono (Brandão: 1986, 29). É uma das divindades mais célebres da antiguidade, cujo atributo principal era presidir aos prazeres do amor.

Há duas versões dissonantes sobre o nascimento de Afrodite. Na versão escrita mais antiga, da *Ilíada*, (Canto V, 370-381), Afrodite teria nascido de modo convencional, como filha de Zeus e Dione, uma ninfa do mar. Já na versão de Hesíodo, em *Teogonia* (188-198), a deusa nasceu de um ato único, da castração de Urano por seu filho Cronos, que atirou os genitais cortados do pai no mar. Levados pelas correntes por muito tempo, uma espuma branca começou a surgir em torno deles e misturando-se ao mar, gerou Afrodite.

Embora nos relatos de seu nascimento as circunstâncias sejam diferentes, não pairam dúvidas sobre a origem oriental da deusa da beleza e do amor. No princípio, ela seria apenas variação de uma grande deusa semítica chamada Ishtar na Mesopotâmia, Astarte na Síria e Fenícia, Milila na Babilônia e cujo culto tinha sido introduzido na Grécia por intermédio dos marinheiros e mercadores.

Segundo o mito, Afrodite, nascida no mar, desembarcou de sua concha na ilha de Citera. Ali gregos erigiram diversos santuários, onde a cultuavam sob o nome de Citeréia. Pouco mais tarde, ainda conforme o mito, a deusa partiu para a ilha de Chipre. Inicialmente Afrodite era considerada como a deusa do instinto da fecundidade. Sua ação era ilimitada, abrangendo toda a natureza com seus componentes humanos, animais e vegetais. Acreditava-se que ela espalhava o elemento úmido, causa fundamental de todo princípio gerador e de toda fecundidade na natureza. E que sob seus passos as flores germinavam. Assim acontecia também com as árvores e plantas, consideradas frutos do amor da Terra e do Céu. A chuva da primavera era o elemento fecundante enviado pela deusa.

Somente mais tarde é que Afrodite passou a ser a deusa do amor, a protetora das formas mais nobres e puras desse sentimento. Foi conduzida ao Olimpo e apresentada à assembleia dos deuses. Mesmo no mundo divino jamais tinha sido vista tão sedutora e graciosa beleza. Nesse sentido, Afrodite está presente sempre que as pessoas recordam, com alegria, o vínculo que une os seres humanos com os animais e com toda a natureza e ainda, quando percebem esse vínculo como a realidade clara e sagrada.

Afrodite foi escolhida como a deusa da beleza num concurso que tem a fama de ter sido o estopim para a guerra que envolveu gregos e troianos na planície de Tróia, solo da morte de um grande número de heróis. Nas núpcias de Peleu e Tétis (futuros pais de

Aquiles), todos os deuses foram convidados para o casamento, exceto Eris, a deusa da discórdia. Eris apareceu mesmo assim e resolveu se vingar da descortesia. Interrompeu a cerimônia atirando uma maçã de ouro onde estava gravado “para a mais bela” entre as convidadas. A maçã foi imediatamente reivindicada por Hera, Atena e Afrodite. Este episódio é belamente narrado em *Troianas*, de Eurípides, no terceiro episódio, pela própria personagem de Helena, protegida de Afrodite.

As deusas não podiam decidir entre si qual era mais bela, portanto apelaram para a decisão de Zeus. Este se recusou a fazer a escolha, definindo Páris, príncipe troiano criado como um pastor, como juiz. Cada uma das interessadas ofereceu algo a Páris, também chamado de Alexandre, em troca da escolha. Segundo Eurípides “(...) o dom de Palas para Alexandre era despovoar a Hélade, comandando frígios; Hera jurou que sobre a Ásia e os limites da Europa Páris, se a escolhesse, teria a soberania; Cípris, com a minha aparência (é Helena quem fala o discurso) se estonteando, prometeu dá-la, se ultrapassasse as deusas em beleza (...): Cípris vence as deusas” (925-32). Desde então Afrodite uniu o atributo da beleza ao seu poder de sedução erótica.

Após destronar Cronos e tomar o poder sobre o Cosmos, Zeus ficou ressentido pois tanto era o poder de sedução de Afrodite, que ele e os demais deuses estavam brigando o tempo todo pelos encantos dela, enquanto esta os desprezava a todos. Como vingança e punição, Zeus a deu em casamento para Hefesto, que fez tudo para agradá-la, cobrindo-a de joias. Confeccionou inclusive um cinturão mágico do mais fino ouro para ela, e quando Afrodite usava esse cinto ninguém conseguia resistir ao seu encanto.

São inúmeras as relações amorosas de Afrodite. O romance entre Afrodite e Ares, o deus da guerra, foi descoberto por Hefesto (*Odisséia*: VIII). Com Ares, a deusa teve três filhos: Harmonia, Deimos e Phobos. A união entre estes dois deuses, representações do amor e da guerra, duas paixões incontrolláveis, reforça a tese da complementaridade dos opostos. Afrodite uniu-se também a Hermes e dessa união nasceu Hermafrodito, que herdou a beleza e características sexuais de ambos. Como símbolo, esse deus pode representar a bissexualidade. Eros, deus do amor e paixão, o filho mais famoso de Afrodite, pode ser filho de Hefesto ou de Ares, conforme as fontes. No tardio Apuleio, encontra-se narrado em detalhes o amor de Eros e Psiquê, e Afrodite é representada como a mãe raivosa e ciumenta de um Eros adolescente.

A união é reunião como a fertilidade é renascimento. Essa concepção se manifestava cada primavera no banho ritual de Afrodite que renovava sua virgindade e a da terra. As Horas, as primeiras a vestir Afrodite quando nasceu, são também deusas das estações, que são as horas do ano e, na primavera, quando nasce o ano, a vestem de novo, ajudadas pelas Graças.

Suas festas eram chamadas de Afrodisíacas e eram celebradas por toda a Grécia, especialmente em Atenas e Corinto. Suas sacerdotisas eram prostitutas sagradas, que representavam a deusa, e o sexo com elas era considerado um meio de adoração e contato com a deusa. Seus símbolos incluem o golfinho, o pombo e o cisne; entre as flores, a rosa lhe é consagrada; entre os frutos, a maçã e a romã, entre os sabores, o doce e o ácido.

No culto de Afrodite, misturam-se quase todas as práticas inocentes com as

impuras. As homenagens que recebia relacionavam-se com a diversidade de suas origens, e com as diferentes opiniões dos povos em épocas diversas. Afrodite presidia os casamentos, os nascimentos, mas particularmente o amor, tanto o romântico quanto o erótico.

Na arte renascentista, Afrodite/ Vênus (seu nome romano) foi muito representada por Botticelli (1444/45- 1510), que pintou *A Primavera* (ca.1482), no qual a deusa ocupa o lugar central; *Vênus e Marte* (1483), e um quadro conhecido como o *Nascimento de Vênus* (1485). Nesta obra, Botticelli representou-a numa concha que flutua na água, ela é empurrada em direção à margem por duas divindades dos ventos, enquanto uma das Horas, as deusas das estações, tem nas mãos uma peça de roupa aberta pronta a envolver Vênus. Entre outros pintores, há Maarten Van Heemskereck em *Afrodite e Eros*, Tiziano com a *Vênus de Urbino*, Giorgione em *Vênus Adormecida*, Cranach em *Vênus e Cupido*, obras do século XVI, Boucher com *A Visita de Vênus a Vulcano*, século XVIII, Cabanel e Bouguereau em *The Birth of Venus* (O nascimento de Vênus), do século XIX.



*Athene, Athana*, atestado no grego micênico sob a forma *atanapotinija*, ou ainda no homérico *Atenaíe*, atestado oitenta e oito vezes e finalmente no ático *Athenaía*, e por contração *Athená*, Atena que aparece em inscrições do séc. VI a. C. Alguns estudiosos aventam a possibilidade de que o primeiro elemento da palavra *Ath* provém do indo-europeu \**attā*, ‘mãe’ e o segundo elemento seria de origem grega \**awaiā* com o sentido igualmente de mãe, de onde Atena seria uma ‘grande mãe’, originária de Creta.

Também é conhecida como Palas Atena em razão da morte de uma amiga, sua companheira na juventude, chamada Palas e morta por ela acidentalmente.

Atena, filha de Zeus e Métis, é considerada filha apenas do pai devido a forma com que se deu seu nascimento. Simboliza a sabedoria, a civilização, a comunidade política das cidades, as atividades espirituais e manuais que devem ser efetuadas com inteligência: a filosofia, a poesia, a música e é também padroeira do trabalho artesanal e da arte de tecer. Frequentemente está associada a um escudo de guerra, à coruja da sabedoria ou à oliveira.

Zeus apaixonou-se por Métis, adotando várias formas para tentar seduzi-la e tomá-la como sua primeira esposa, mesmo sendo advertido por sua avó Gaia de que Métis poderia engravidar e gerar um filho que o destronaria no futuro, assim como ele fez com Cronos e, este, com Urano. Dessa forma, Zeus engoliu Métis de uma só vez. No entanto, ela já estava grávida de Atena.

Durante uma importante batalha contra os Gigantes, Zeus sentiu uma terrível dor de cabeça e pediu para Hefesto, deus das forjas, que lhe abrisse o crânio com um machado e surgiu dele Atena, vestida e armada com elmo, armadura e escudo, preparada para ocupar seu importante lugar entre os deuses olímpicos. Atena se tornou uma poderosa deusa, e como havia saído da cabeça de Zeus, sua marca era a inteligência. Sentava-se ao lado do pai e era a única deusa a quem Zeus permitia o uso do raio. Sua virgindade foi um pedido que o pai lhe concedeu, permitindo-lhe gozar da liberdade e da autonomia de uma vida sem jugo matrimonial.

Houve uma disputa entre Atena e Poseidon pela soberania de uma importante cidade na região da Ática. Houve um concurso no qual quem desse o melhor presente ao povo ganharia o poder sobre a cidade. Poseidon deu-lhes uma fonte de água salobre, e cavalos selvagens, que mais tarde foram domados por Atena, que venceu a disputa fazendo brotar da terra a oliveira, sendo por isso mesmo considerada a inventora do “óleo sagrado da azeitona”. A cidade de Atenas havia escolhido a sua protetora.

Atena é muito citada nos poemas épicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, pois desempenhou um papel importante no mito de Tróia desde que participou do concurso de beleza ajuizado por Páris, e perdeu o título para Afrodite. Desde então, perseguiu os

troianos e apoiou os gregos, especialmente seu amado Odisseu, e também atuou na vingança final da casa dos Atridas, inocentando o matricídio de Orestes.

No final da Guerra de Tróia, depois de mais de dez anos protegendo os gregos, Atena se volta contra eles e lhes prepara um terrível retorno. O motivo desta atitude é um acontecimento que teve lugar no seu templo durante a noite do saque da cidade. A profetisa Cassandra, filha de Príamo, foi-se esconder no santuário de Atena e Ajax Oileus, um chefe lócrio, a encontra agarrada na estátua de culto da deusa. A descrição pode ser detalhada se utilizamos a fonte iconográfica dos vasos de cerâmica do período clássico, quando esta cena teve aparente sucesso, a contar pelo significativo número de pinturas preservadas. Atena não perdoa nos chefes a falta de penalização do sacrilégio: algo aconteceu no santuário que a deusa presenciou através de sua estátua: versões atestam como estupro, e outros estudiosos, interpretando a situação, não reconhecem a violência sexual perpetrada, e defendem que o sacrilégio está em alguém ser arrancado de um templo, lugar por excelência de asilo inviolável. O tardio Quinto de Esmirna, descrevendo a última madrugada de Tróia não deixa dúvidas quanto ao ataque sexual, justificando assim a fúria de Atena, pois ela, como virgem, foi obrigada a experimentar o intercuro sexual no seu templo, através de sua estátua. Eurípides, na tragédia *Troianas* (415 a.C.), apresenta no Prólogo o encontro entre os deuses Poseidon e Atena, combinando a vingança contra os gregos. Embora o sacrilégio esteja sugerido pelo dramaturgo, o texto não é claro sobre o que tenha acontecido, permitindo ambas as leituras. Segundo Eurípides:

Atena – (...) Trago ao centro assunto de interesse comum, teu e meu, senhor.

Poseidon – Acaso anuncias palavra nova de um deus, ou da parte de Zeus ou de um dos numes?

A. – Não, mas por causa de Tróia, onde caminhamos, aproximo-me de teu poder para dele compartilhar.

(...) Quero agradecer aos trôades antes odiosos e lançar um acre retorno à armada aqueia.

P. – Por que saltas assim pra lá, depois pra cá, muito odeias e amas aquele em quem ao acaso acertas?

A. – Não sabes que fui ultrajada no meu templo?

P. – Sei, quando Ajax arrastou Cassandra com violência.

A. – E nada terrível sofreu ou ouviu dos aqueus. (...) Por isso contigo pretendo fazer-lhes mal. (...) Volta sem volta contra eles quero lançar (...) para que, no futuro, saibam os aqueus reverenciar meu templo e venerar os outros deuses (Eurípides: *Troianas*, 53-86).

Ao que tudo indica, Atena permaneceu virgem. No entanto, há uma narrativa relacionada com a zona da Ática e o nascimento de uma criança que estão intimamente ligados a seu mito. Eurípides, na tragédia *Íon* (ca. 415-411 a.C.), menciona partes do mito fundador da cidade de Atenas. Roberto Calasso (1991, 162) ordena Eurípides com outra fonte, Calímaco, e nos descreve a cena. Recompuesta, a narrativa seria a seguinte: Atena fora ao encontro de Hefesto, o deus das forjas, afim de lhe encomendar mais armas. O deus coxo, apaixonado por ela, tentou seduzi-la. Atena escapou; entretanto Hefesto, acoitado pelo desejo de possuí-la, conseguiu capturá-la, tomando-a em seus braços. Atena defendeu-se, indignada com a ousadia do deus ferreiro.

Ele, tomado de desejo, derramou seu sêmen nas pernas da deusa, que se limpou com repulsa, usando um pano da oficina, que em seguida, foi arrojado na terra. Caiu nas costas rochosas da acrópole e dali nasceu Erictônio, filho de Gaia, a terra. O menino

tem a parte posterior do corpo de serpente Atena o adotou, aquela criança sem pais que ela reconheceu só ter sido criada graças a ela, embrulhou-o e colocou-o num cesto de vime fechado, e o entregou às três filhas do rei Cérops, fundador da cidade de Atenas, com a ordem de não abrir o cesto. Apesar da proibição, duas das jovens princesas, Aglauro e Herse, abriram o embrulho. As três moças não sabiam que Atena, pelo seu amor pela Ática, queria tornar Erictônio imortal, às escondidas dos outros deuses. As duas que desobedeçam Atena foram tomadas de terror e se suicidaram, atirando-se das rochas.

Atena então tomou o menino serpente e fez no seu escudo uma bolsa para guardá-lo, levando-o no seu colo. Ela, cercada pelas serpentes da égide e do cabelo de Medusa, tinha agora um outro companheiro, e Erictônio crescia ao seu lado. Um dia foi posto no chão, no santuário da deusa na acrópole. Desde então, Atena e Erictônio tiveram seus cultos fundidos e tendo sido rei, foi cultuado como herói-fundador da cidade e seu corpo enterrado no próprio recinto do santuário em que foi criado.

Além de guerreira, o caráter político e o civil fazem dela uma divindade por excelência protetora das acrópoles e guardiã das cidades. Ademais, em muitas cidades era comum as pessoas terem uma imagem de Atena, conhecida como Paládio, considerado um milagroso talismã. Atena e Ares são as duas potências que tem na Grécia o monopólio sobre as questões da guerra (*Ilíada*, V, 430). Segundo Jean-Pierre Darmon (Bonnetoy: 1997, 214-216) suas posições são rigorosamente antitéticas, e Atena é quem domina Ares, ao substituir a luta furiosa dos heróis pelo combate hoplítico ordenado. Mas Atena extrai sua força de um objeto mágico, um objeto que é o próprio símbolo de seu domínio sobre as forças naturais excessivas: se trata da Égide, arma ao mesmo tempo ofensiva e defensiva. Couraça em cujo centro se encontra a cabeça cortada da Górgona Medusa, que petrifica todo aquele que a olha, presente de seu meio-irmão e protegido, Perseu.

Na pintura e na escultura grega mais antiga já se representa Atena entronizada, de pé, estática e armada. Desde o sec. VI a.C. é também representada em atitude de luta, como *Atena Promachos*. Ela é a personagem principal das esculturas do Partenon: na fachada oriental, seu nascimento; na fachada ocidental, a luta com Poseidon; no friso, as festas em sua honra, as *Panatenéias*. Infelizmente, a estátua cultual, obra de Fídias (ca. 447-438 a.C.) elaborada em mármore, ouro e marfim, só nos é conhecida por cópias, descrições e moedas.

Na arte figurativa e na literatura da Idade Média e Renascimento se atribui a Atena preponderantemente funções simbólicas positivas: é a personificação da vida contemplativa, ou da prudência. Frequentemente representada como a sabedoria ou a castidade, que afugenta os vícios e os pecados, representados por Afrodite. A partir do sec. XV aparece relacionada com as artes e as ciências, no seu aspecto investigativo, como alegoria do pensamento e da lógica.



Em grego, Ártemis, é uma palavra de etimologia muito controvertida. Uns viram-na como uma ‘deusa-ursa’ e, nesse caso, seu nome proviria do ilírio artos, urso, em grego árktos. Outros a consideram como procedente do grego ártamos, ‘a sanguinária’, por causa de suas flechas certeiras. Tais hipóteses são indubitavelmente de cunho popular. Pierre Chantraine, no *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* (116-117), julga que se trata de um teônimo de procedência ilíria ou lídia, que talvez provenha ou tenha dado origem a artemés, ‘são e salvo’, dada a proteção oferecida pela deusa a seus adeptos. Neste caso, Ártemis significa ‘a protetora’.

Ártemis, tendo nascido antes do irmão gêmeo Apolo e ajudado a mãe nos trabalhos de parto, ficou tão horrorizada com o que sua mãe Leto sofreu, que pediu ao pai Zeus o privilégio de permanecer para sempre virgem. É representada com vestes curtas espartanas. Como seu irmão, a quem está muitas vezes associada no mito e no culto, carrega o arco e a aljava cheia de setas temíveis e certeiras. Como Apolo, aprecia muito o país dos Hiperbóreos, cujas virgens mensageiras, as quais fazem parte de seu séquito, ela conduz até Delos, principal dos seus santuários. Ao lado do irmão participou do massacre dos filhos de Níobe e o assistiu na luta e extermínio da serpente Píton. Arqueira como o arqueiro Apolo, a ‘sagitária de arco de ouro’ usa das mesmas armas que ele para competir ou castigar, mas ‘leoa para com as mulheres’, causa-lhes mortes súbitas, sem dores e, não raro, rouba-lhes a vida no momento do parto.

Mas nem sempre a jovem arqueira conta em suas vinganças com o auxílio de Apolo. Foi sozinha que puniu a negligência de Eneu de Cálidon e a impiedade de Agamêmnon, exigindo-lhe o sacrifício de sua primogênita Ifigênia. Quanto à negligência de Eneu de Cálidon, a vingança da deusa foi terrível. Este rei, pai de Meléagro, Tireu e Dejanira, era casado com Alteia. Após a boa colheita do ano, Eneu ofereceu um sacrifício a todos os deuses, mas se esqueceu inteiramente de Ártemis. Sentindo-se ultrajada, a deusa enviou contra a região um javali de grande porte e ferocíssimo, que devastou todo o reino. Para liquidá-lo, Meléagro, jovem e destemido príncipe, convocou os melhores caçadores da Etólia, região onde ficava Cálidon, mas a única pessoa que foi capaz de matar o monstro foi Atalanta, protegida de Ártemis e noiva de Meléagro, guerreira que cresceu na floresta, pois fora abandonada por seu pai e acabou sendo alimentada por uma ursa.

Meléagro deu as honras da vitória a Atalanta, esquecendo seus parentes, embora esses entendessem que tinha sido uma perseguição conjunta, e que a flechada da jovem era apenas o desfecho de um trabalho deles. A discussão foi instalada e a rainha Alteia ficou do lado dos irmãos. Seu filho tinha sobre si uma maldição: um pequeno pedaço de carvão era o símbolo de sua vida, se fosse queimado, ele morreria. A mãe, que guardava o tição desde seu nascimento, atira-o no fogo, matando Meléagro, castigando assim sua

infidelidade para com a família.

Tão rebelde quanto Héstia e Atena às leis de Afrodite, Ártemis sempre foi a ‘virgem indomável’, que punia à altura os atentados à sua pessoa. Ártemis foi definida como uma ‘divindade do exterior’, que vive na natureza, percorrendo campos e florestas, no meio dos animais que neles habitam. Era tida como protetora das amazonas, também guerreiras e caçadoras, e independentes do jugo do homem. Era a única dentre os deuses, exceto Dioniso, que sempre foi acompanhada por um cortejo alvoroçado e buliçoso. Com este séquito de ninfas às quais ela ultrapassa de muito em altura e beleza, percorria bosques e florestas, excitando os cães em busca da presa. A *Iliada* denomina-a *pótnia therôn*, ‘senhora das feras’, o que lhe atesta o caráter de uma Grande Mãe asiática, próxima da Cibele frigia, e sublinha sua afinidade com a natureza e com o mundo animal.

Afinidade, aliás, de um duplo aspecto: de um lado ela é a protetora e, de outro, a *Elaphebólos*, a que massacra veados e corças, daí seu epíteto de *Elafiéia* em Élis e Olímpia, bem como o grande festival das *Elafebólias*, caça ao veado, que se celebrava em Atenas no mês Elafebólion, março do nosso calendário. Embora a corça seja o seu animal predileto e sempre a acompanhe, porque a deusa lhe protege o crescimento e depois as crias, bem como as dos outros animais, isto não impedia que, no culto, os animais, indistintamente, lhe fossem sacrificados. Basta lembrar que, após a vitória de Maratona sobre os persas, em 490 a.C., lhe foram sacrificadas quinhentas cabras, como atesta Xenofonte. É que a Sagitária era, além de caçadora, uma guerreira ardente e ousada. Em Hiâmpolis, na Fócida, e em Patras, se lhe sacrificavam animais vivos, selvagens e domésticos, que eram lançados sobre um braseiro. Semelhante crueldade trai o ‘caráter oriental’ de uma Grande Mãe, bem como sua incontestável ligação com o rito do *diasparagmós*, o despedaçamento da vítima viva ou ainda palpitante, e da *omophaguía*, a consumação imediata da carne crua e do sangue animal. Acrescente-se que, sob um simbolismo alusivo, eram meninas de cinco a sete anos, chamadas ursinhas, que eram iniciadas e serviam a Ártemis no Santuário de Bráuron, na Ática.

É bom salientar que a ninfa Calisto, antes de ser morta pela deusa, foi metamorfoseada em urso; Actéon o foi em veado, logo devorado pelos próprios cães; Ifigênia foi exigida como vítima e transformada em potra. Em Esparta, junto ao altar de Ártemis Ortia, efebos passavam por uma prova de resistência, a flagelação prolongada, *diamastígnosis*, em que, não raro, morriam em holocausto a Ártemis. Consoante uma variante do mito de Ifigênia, que Eurípides retrata em uma de suas tragédias, *Ifigênia em Táuris*, a jovem não foi morta, mas levada a Táuride, na Criméia, onde se tornou sacerdotisa da deusa, com a função de sacrificar todos os estrangeiros que naufragassem junto à costa. Pode-se concluir que houveram, na realidade, duas Ártemis: uma *asiática*, cruel, bárbara, sanguinária, bem dentro dos padrões da mentalidade religiosa de uma Grande Mãe oriental; outra europeia, *cretense*, ocidental, voltada para a fertilidade do solo e da fecundidade humana, o que denuncia uma Grande Mãe creto-micênica, quer dizer, minoica e helênica, por efeito de sincretismo.

É sobretudo no Peloponeso que Ártemis aparece com todas as suas antigas características de deusa da vegetação. Na Arcádia, denominava-se ‘Senhora da árvore’

e, com a designação de *Kedreâtis*, a ‘senhora do cedro’. Nos confins da Lacônia e da Arcádia, em Kárias, era a *Karyâtis*, a ‘senhora da noqueira’, e era celebrada com danças muito animadas pelas Cariátides. O ato bárbaro de flagelação, por que passavam os efebos em Esparta, junto ao altar de Ártemis Ortia, é interpretado por alguns não apenas como símbolo de antigos sacrifícios, mas ainda como um rito purificador e de incorporação nos efebos da substância sagrada da árvore. Num dos concursos das festas de Ártemis Órtia, o prêmio conferido ao vencedor era uma foice de bronze, o que mostra ser ela uma deusa da fertilidade e das colheitas. Protetora dos mananciais e dos córregos denominava-se *Potâmia*, isto é, a ‘Caçadora com redes’. No mês de abril, por ocasião da Lua cheia, que, segundo Plutarco, ajudara os atenienses na Batalha de Salamina (480 a.C.), celebrava-se no Pireu a festa de Ártemis Muníquia.

O caráter virginal da deusa não a impedia de ser a protetora da fecundidade feminina. Deusa dos partos eram-lhe consagradas, em Braúron, as vestes das que faleciam ao dar à luz. Com o título de *paidotróphos*, ‘a que alimenta, a que educa a criança’, acompanhava particularmente as meninas em sua fase de crescimento e as noivas, à véspera de seu casamento. Ártemis é, por isso mesmo, uma portadora das tochas, atributo duplamente seu, porque a deusa será identificada com Hécate, com o epíteto de *phosphóros*, ‘a que transporta luz’, tornando-se, como aquela, uma divindade lunar e infernal. Com o título de *selasphóros*, ‘que leva a luz’, será igualmente identificada com Selene, a Lua, com Febe, ‘a brilhante’, como seu irmão Apolo é *Phoibos*, *Febo*, ‘o brilhante’.

Ártemis era cultuada em todo o mundo grego, de Atenas a Éfeso. Na Grécia, a deusa da natureza, a senhora dos animais, era venerada não só nas cidades, mas também e, sobretudo nas regiões selvagens e montanhosas, na Arcádia, em Esparta, na Lacônia, nas montanhas no Taigeto e na Élida. O mais célebre e grandioso de seus santuários era o de Éfeso, onde o culto de Ártemis-Diana se confundia com o de uma antiga deusa asiática da fecundidade. Seus animais prediletos eram a corça, o javali, o urso e o cão e, entre as plantas preferidas, estavam o loureiro, o mirto, o cedro e a oliveira. Calímaco de Cirene (fins do séc. IV a.C.), gramático, historiador e poeta, em seu *Hino a Ártemis*, congratula-se com a deusa pelo fato de a mesma, pisando solo grego, ter deixado para trás seus hábitos bárbaros e cruéis, o que não parece ser de todo verídico: a prática do templo de Halas Arafênides, vizinho do Santuário de Braúron, na Ática, onde se picava o pescoço de um escravo até fazer o sangue correr, talvez seja índice de assassinatos rituais nos mais antigos cultos de Ártemis na Hélade.

Ártemis estava estreitamente ligada a Hécate e a Selene, personificação antiga da *Lua*, cujo culto a filha de Leto suplantou inteiramente, tanto quanto Apolo fez esquecer Hélio, a personificação do Sol. Desde muito cedo, Ártemis foi identificada com a Lua e, dado o caráter ambivalente de nosso satélite, mercê de suas fases, um tríplice desdobramento, o que se poderia denominar a *dea triformis*, deusa triforme lhe foi imputado. De início, ao menos na Grécia, a Lua era representada por três personificações: Selene, que corresponderia à *Lua Cheia*, Ártemis, ao *quarto crescente*; e Hécate, ao *quarto minguante* e a *Lua nova*, ou seja, a *Lua negra*. Cada uma age de acordo com as circunstâncias, favorável ou desfavoravelmente. Assim, a

Lua, por seu próprio cunho cambiante, é dispensadora, à noite, de fertilidade e de energia vital, mas, ao mesmo tempo, é senhora de poderes terríveis e destruidores. Percorrendo várias fases, manifesta as qualidades próprias de cada uma delas. No Quarto Crescente e Lua Cheia é normalmente boa, dadivosa e propícia; no Quarto Minguante e Lua Nova é cruel, destruidora e malévola. Plutarco nos lembra que a Lua “no quarto crescente é cheia de boas intenções, mas no Minguante traz a doença e a morte”.



Segundo Brandão (1991, 87), *Apóllōn* é um deus tipicamente oriental, que nem se quer aparece no grego micênico, e não possui até agora etimologia que satisfaça. A relação com o dórico *ápella* ou *apéllai*, ‘assembléias do povo’, onde Apolo, inspirador por excelência, seria ‘o guia do povo’ ou ‘o deus pastor’, não tem muito sentido. Como se trata de um deus asiático, buscou-se uma aproximação com o hitita Appaliuna ou com o mesmo hitita hieroglífico Apulunas.

Apolo é um deus pertencente à segunda geração dos Olímpicos, filho de Zeus e da divindade oriental Leto, sendo irmão gêmeo de Ártemis, a deusa da lua. Ficou conhecido como o deus do sol, da arte de atirar com arco, da profecia, da música, da poesia e da medicina. Conta-se que sua primeira vinculação com os oráculos originou-se do desejo dos doentes de saber o prognóstico de seus males; seria a sua absorção do antigo deus curador Peã, da antiga civilização Micênica.

No que concerne ao seu nascimento, sua mãe, Leto, – buscava abrigo para pôr no mundo os filhos que carregava no ventre. Filhos de Zeus, o marido da mais ciumenta das deusas, Hera, que costumava perseguir as rivais e as punia duramente: “Hera com ciúmes de sua rival, impede Ilitia, uma deusa pré-helênica, de socorrer Leto (*Hino Homérico a Apolo*, 100). Todas as demais deusas puseram-se ao lado de Leto, mas nada podiam fazer sem a anuência de Hera.

Por não estar fixada a parte alguma e não pertencer a Terra, a ilha flutuante de Ortigia resolveu ajudá-la. Arisco rochedo sem raízes, áspera paisagem desprovida de plantas e de fontes, ninguém a habitava, nem deuses, nem homens, nem animais, não tendo assim que temer à ira de Hera.

As deusas lideradas por Atena resolveram enviar Íris ao Olimpo para entregar um presente à Hera, um colar de fios de ouro e âmbar, com mais de três metros de comprimento. Hera, comovida com o presente, liberou Ilitia, a deusa dos partos, para ajudar Leto. Foi então em Ortigia, abraçada em uma palmeira, que Leto deu à luz Ártemis e Apolo. Nesse instante, o solo estéril da ilha floresceu, porque ali nasceram a luz do dia, Apolo, o sol, e a luz da noite, Ártemis, a lua. Apolo, agradecido à ilha, mais tarde a fixou no centro do mundo grego, trocando-lhe o nome para Delos.

São muitos os atributos dados ao deus Apolo. São também inúmeros os seus amores e boa parte dos mitos a seu respeito a eles se referem. Normalmente Apolo é considerado malsucedido em suas escolhas, como é o caso de Dafne, uma ninfa que rejeitou seu amor e foi transformada em loureiro, ou de Jacinto, que morreu e que transformou-se em uma flor.

É descrito por Homero no começo da *Ilíada* como um deus vingador e de flechas mortíferas. O historiador Walter Burket nos fala que Apolo é o mais grego dos deuses, e o mitógrafo Junito Brandão nos remete a um Apolo pós-homérico, sobretudo de origem helênica. Refere-se, principalmente, aos seus amores, em especial, por Jacinto e Ciparisso.

Dafne foi o primeiro amor de Apolo. Não surgiu por acaso, mas pela malícia de Eros. Apolo viu o menino brincando com seu arco e suas setas e, estando ele muito envaidecido com sua recente vitória sobre Píton, o manda então sair e não atrever-se mais a mexer em seu arco e sua flecha.

O arco é um elemento tão característico na figura de Apolo que nem bem ele havia acabado de nascer já o reclamava como seu atributo tal qual como a cítara (*Hino Homérico a Apolo*, 131).

Ovídio, escritor romano, nas *Metamorfoses*, nos fala que Apolo, julgando o arco e a flecha atributos seus, certamente considerava que as flechas do filho de Afrodite não passavam de brincadeira. Eros pôs-se de pé numa rocha do Parnaso e tirou da aljava duas setas diferentes. Uma feita para atrair o amor; outra, para afastá-lo. Uma atirou em Apolo e a outra na ninfa Dafne, filha do rio-deus Peneu. Então, o deus foi tomado de amor pela donzela e esta sentiu horror à ideia de amar. Por entre as folhagens, Apolo surpreendeu-a. Ao percebê-lo, a donzela abandona a guirlanda que tecia, levanta-se e fica paralisada de susto. O deus lhe fala então meigas palavras de amor, mas a ninfa nada quer ouvir. Afasta como pode as mãos que a cercam. Suplica ao Deus que se detenha. Ele, porém, está ensurdecido a seus pedidos.

Dafne põe-se a correr e distancia-se, como se a transportassem os ventos mais velozes. Apolo, contudo, deus da luz e da saúde, é mais ágil. Com suas flechas, não demora a alcançá-la. Toca-a com a ponta dos dedos. Sente o suave perfume de suas tranças desfeitas pela corrida e sorri, certo da vitória.

Dafne não tem mais para onde fugir. Indefesa, suplica a ajuda a seu pai Peneu para abrir a terra e salvá-la. E começa a transformar-se. Os cabelos formam densa ramagem verde. O corpo torna-se tronco, de raízes na terra, imóvel, opaco, silencioso. Apolo tristemente abraça a árvore que momentos antes fora ninfa. Chama-a também de Dafne, que em sua língua significa loureiro, e declara-a a árvore sagrada de seu culto. Suas folhas seriam destinadas à purificação dos sacerdotes e ao coroamento das grandes vitórias, nas artes, nos esportes, nas batalhas.

Apolo, modelo da beleza masculina, foi também o ícone para o amor homoerótico grego. Teve muitos amantes, vários deles transformados em plantas, assim como Dafne. Quando se apaixonou por um jovem chamado Jacinto, acompanhava-o a qualquer lugar, conduzia os cães na caçada, levava a rede para a pescaria, seguia-o pelas montanhas e chegava a esquecer-se do arco e da lira por causa do jovem. Certa vez, os dois se divertiam jogando discos. Apolo então lançou o disco com tamanha habilidade para os céus que Jacinto, olhando admirado e muito excitado com o jogo, correu para apanhá-lo. Zéfiro, o Vento Oeste, também amava Jacinto, ostentava o seu ciúme, e decidiu vingar-se. Esperou até que tocasse a Apolo a vez de arremessar o

disco. Então soprou com toda a força, desviou o pesado objeto de seu rumo, e levou-o para a testa de Jacinto, que caiu morto. Desesperado, Apolo correu até o corpo de Jacinto e com toda sua habilidade médica tentou curá-lo, mas a sua cura estava além de qualquer habilidade.

Apolo sentiu-se tão culpado pela morte de Jacinto que viveria para sempre com ele na memória. Assim, o sangue de Jacinto que manchava a relva, se transforma numa flor colorida e tão bela quanto a púrpura tíria, uma flor semelhante ao lírio, mas roxa. Ela possui o nome Jacinto e renasceria em toda primavera murchando infalivelmente no princípio do inverno, lembrando assim, seu trágico destino.

A maioria das estátuas e pinturas de Apolo nos mostram um homem jovem, no auge de sua força e beleza, muitas vezes nu ou vestindo um manto, também podendo estar com uma coroa de louros na cabeça, com o arco e flechas, ou uma cítara ou lira nas mãos.

De Tebas e Delfos encontram-se estátuas datadas do início do sec. VII. Do século VI uma das mais célebres entre todas as obras é a de Praxíteles, cujas feições o artista modelou nos traços selecionados de sete belos atenienses. Tornou-se famosa a estátua do Apolo do Belvedere, conservada até hoje em Roma, no Museu do Vaticano. Em Roma, onde pelo menos desde os inícios do século IV a.C, já se cultuava o filho de Leto, Apolo acabou por tornar-se o protetor pessoal de Augusto, o primeiro imperador romano, e mandou-lhe construir um templo no monte Palatino bem ao lado do palácio imperial (Brandão:1991,94). Cristo é representado em mosaicos dos primeiros séculos como deus solar, num profundo sincretismo com a figura luminosa e pura de Apolo.

Com o decorrer dos séculos muitos pintores e poetas utilizaram o tema de Apolo, exatamente por ser este o deus patrono de toda arte figurativa e rememorativa, senhor das Musas e ser, ele próprio, o tipo de beleza masculina que o modelo grego-romano iria preservar.



*Dionysos*, Dioniso, ou *Baco* é o deus do teatro, do vinho, do entusiasmo, da loucura sagrada, mania, e do prazer. Possui algumas variantes dialetais. Em Homero usa-se de preferência *Diónysos*; no tessálio *Diónnysos*; *Dionýsios*, ‘que se refere a Dioniso’, raro como adjetivo, aparece como antropônimo, *Dionísio*, mas só a partir do século V a.C. e apenas para designar seres humanos e não o deus, cujo nome sempre foi Dioniso. Filho de Zeus e da princesa tebana Sêmele, é neto por parte de mãe de Harmonia, filha de Ares e Afrodite. Na mitologia, as Ménades, ou Mênades, (de *mainomai*, “enfurecido”), também conhecidas como bacantes, tíades ou bassáridas, eram mulheres seguidoras e adoradoras do culto de Dioniso.

Estudiosos sustentam que Dioniso pode ser um deus estrangeiro, vindo da Trácia, da Lídia ou da Índia, tamanha a estranheza que seu culto apresenta o *Dionisismo*. Alain Danielou compara Dioniso ao deus indiano Shiva e demonstra sincretismos e aproximações consistentes nos mitos e nos cultos de ambos. O elemento bárbaro do dionisismo é um mistério para o pensamento grego e para a experiência de equilíbrio, de *sophrosyne* buscada através dos mistérios. O problemático desregramento de seus rituais não ajudou a difusão de seus mistérios. Assim Eurípides, tragediógrafo do sec.V a.C., o faz contracenar com Penteu, inimigo e parente que está no poder. Dioniso está retornando à Grécia vindo da Ásia com uma horda de bacantes, e chega diretamente a Tebas, sua cidade, exigindo a instauração de seus ritos. Um pouco de seu histórico é dramatizado nesta tragédia de 406 a.C., *As Bacas*, documento essencial para o estabelecimento do mito desta personagem.

Dioniso traz consigo uma nova invenção, até então desconhecida dos mortais: o licor inventado por ele é o vinho, bebida fermentada sutil que alegra e revigora, mas a criação desta bebida está assentada sobre uma narrativa de perda e luto. Roberto Calasso (1991: 28, 29) utilizando rigorosamente Nonos (*Dionisiacas*, XV,339), um mitógrafo tardio e uma das principais fontes antigas do mito de Dioniso, recupera a narrativa do primeiro amor do deus, origem do vinho:

O primeiro amor de Dioniso foi um rapaz. Chamava-se Ampelo. Jogava com o jovem deus e os sátiros nas margens do Pátolo, na Lídia. Dioniso observava seus longos cabelos pelo peito (...). Quis ser então o único a dividir os jogos com Ampelo.(...) Este, aprendia a tratar com familiaridade ursos, leões e tigres. Dioniso o encorajava, mas uma vez o colocou em guarda: não devia temer nenhuma das feras, bastava preocupar-se com os chifres do touro impiedoso. (...) E um dia, sozinho, encontrou um touro entre as rochas.(...) Uma última sacudidela jogou-o por terra. Ouvia-se o som seco do pescoço que se quebrava. (...) Aquele que levara o pranto ao deus que não chora levaria também prazer ao mundo. Então Dioniso se refez. Quando a uva nascida do corpo de Ampelo ficou madura, arrancou os primeiros cachos, espremeu-os suavemente entre as mãos, com um gesto que parecia conhecer desde sempre, e olhou para os dedos manchados de vermelho. (...) Ampelo, o seu fim prova o esplendor de seu corpo.

Marcel Detienne, eminente especialista francês em Dioniso, sustenta que o deus é grego, que já está inscrito em documentos de arquivos micênicos encontrados do período do Bronze (Bonney: 1997, 275). Seu mito, no entanto, é intrincado e cheio de variantes, dificultando o estabelecimento de uma cronologia entre seus episódios. A narrativa de seu nascimento é atípica. Segundo a narrativa, a amante Sêmele grávida recebeu de Zeus um presente: poderia pedir o que desejasse, e lhe seria concedido. Hera, a esposa enciumada, assumindo a forma da ama da jovem, a induziu a pedir que Zeus aparecesse na sua forma divina. O deus realizou seu pedido e a princesa foi consumida pelo brilho da sua luminosidade. No momento preciso, Zeus retira o feto ainda vivo do corpo de Sêmele e o costura em sua própria coxa, onde completa a gestação, e de onde surge.

Após seu nascimento, Dioniso é entregue em segredo para ser criado pelo casal Ino, sua tia, irmã de Sêmele, e Atamas, que com a ajuda das híades, das horas e das ninfas, cuidaram dele. Entretanto, Hera descobriu que o filho de Sêmele havia nascido e que estava sendo criado às escondidas dela e, indignada, levou Atamas à loucura. Atamas caçou o próprio filho, Learcos, como se fosse um veado, matando-o, e Ino, para livrar seu outro filho, Melicertes, da loucura do pai, o atirou ao mar, onde foi transformado no deus do mar Palaemon, em homenagem a quem Sísifo instituiu os jogos do Istmo.

Finalmente, Zeus iludiu Hera transformando o pequeno Dioniso em um cabrito, e Hermes o levou para ser criado pelas ninfas de Nisa, na Ásia, de onde vem o nome deus de Nisa, dio-niso. As ninfas que protegeram Dioniso, Zeus posteriormente transformou em estrelas, dando-lhes o nome de *Híades*.

Quando Dioniso tornou-se adulto, Hera o enlouqueceu, deixando-o a vagar por várias partes da terra. Ele passou pela Frígia, e conheceu a deusa Cíbele que o curou da loucura, o ensinou a dominá-la e extrair preciosas visões e ensinamentos místicos, instruindo-o nos seus ritos religiosos. Sendo um deus no estrangeiro, ele continuou a vagar pelo mundo, conhecendo Sileno, Pan, faunos e sátiros, reunindo-os sob seu comando numa ruidosa procissão pelos espaços selváticos, aos que se somam as mulheres que abandonam o tear pela vida livre nas montanhas ao lado do deus.

Mais tarde, seu culto se tornou tão difundido que veio a ser cultuado até mesmo em Delfos, o santuário de Apolo. No inverno, enquanto o deus solar ia para lugares mais quentes, diziam que Dioniso ocupava o oráculo. Os festivais realizados em sua homenagem eram as festas da primavera, nas quais se comemorava o ano novo e a abertura dos portos para a navegação. Em sua honra promoviam-se as *dionisiacas* e cantavam-se os *ditirambos*, que na origem do teatro grego era uma espécie de canto coral constituído de uma parte narrativa, recitada pelo cantor principal, ou *corifeu*, e de outra propriamente coral, executada por personagens vestidos de faunos e sátiros, considerados companheiros desse deus.

No século VI a.C. foram acrescentados concursos dramáticos às comemorações a Dioniso, e especialmente em Atenas, durante o século V a.C., no apogeu do período clássico, o gênero trágico se desenvolveu de forma que seu culto pode ser diretamente ligado ao teatro, e especialmente à tragédia.

Em geral é representado sob a forma de um jovem imberbe, risonho e festivo, de longa cabeleira e flutuante, tendo em uma das mãos um cacho de uvas ou uma taça, e na outra, um dardo enfeitado com folhagens e fitas ou um tirso. Também aparece com o corpo coberto com um manto de pele de leão ou de leopardo, com uma coroa de pâmpanos na cabeça e dirigindo um carro puxado por leões.

Suas seguidoras embriagadas eram chamadas de *bacantes*, e eram as iniciadas em seus ritos. Durante o culto, dançavam de uma maneira muito livre e lasciva, em total concordância com as forças mais primitivas da natureza. Os mistérios que envolviam o deus provocavam nelas um estado de êxtase absoluto, entregando-se a desmedida violência e derramamento de sangue. São representadas nuas ou vestidas com amplos vestidos soltos, com peles de veado ou leopardo sobre eles, com grinaldas de hera e serpentes e empunhando um tirso (bastão envolto em ramos de videira encimado por uma pinha).

Sua escolhida é Ariadne, filha de Minos, rei de Creta. Entre os dois amantes existem algumas versões dissonantes, mas Dioniso apareceu ao herói Teseu na ilha de Naxos e o impediu de prosseguir viagem com Ariadne, que este levava de Creta. Teseu obedeceu ao deus, que disse ser ela sua prometida, e partiu sem a jovem princesa. Mas o que aconteceu com Ariadne as fontes não exatamente respondem. Calasso persegue este mito atentamente, e ninguém melhor do que o próprio autor para explicar a perplexidade que esta narrativa causa:

As figuras dos mitos vivem muitas vidas e muitas mortes (...) Abandonada em Naxos, Ariadne foi atravessada por uma flecha de Ártemis por ordem de Dioniso, testemunha imóvel; ou Ariadne enforcou-se em Naxos depois de abandonada por Teseu; ou grávida de Teseu e naufraga em Chipre, aí morreu das dores do parto; ou Ariadne foi alcançada em Naxos por Dioniso com seu cortejo e com ele celebrou núpcias divinas antes de subir ao céu como constelação; ou Ariadne foi alcançada por Dioniso em Naxos e desde então seguiu-o como amante e soldado; ou morreu petrificada ao ver o rosto de Medusa, quando Dioniso lutava contra Perseu. (...) Nenhuma mulher, nenhuma deusa teve tantas mortes como Ariadne (Calasso: 1991, 21).

Na arte figurativa, Dioniso experimenta uma mudança de uma imagem madura, digna, esbelta, vestida e barbada a de um jovem desnudo, sem barba, lânguido e às vezes embriagado. É representado ao longo dos séculos rodeado de vinhas com seu tirso e ramos de hera, com a pele de uma pantera sobre os ombros e acompanhado de sátiros, ménades e animais. São numerosas as suas representações em vasos de cerâmica do período clássico. Também em afrescos e mosaicos a presença de Dioniso é reconhecida. Existe um mosaico famoso por conter episódios do mito de Dioniso perdidos em fonte escrita, que está no sítio arqueológico de Zipori, em Israel. Todo restaurado, teve uma réplica de casa romana com a estrutura de conservação de Museu Arqueológico construída em volta do local original da descoberta, para que possa ao mesmo tempo ficar exposto e protegido. Ali se encontra um episódio cômico: o confronto entre Hércules e Dioniso, recuperado através da iconografia.



Até o momento não existe uma etimologia segura para Hermes. O nome Hermes pode derivar de *herma*, que se trata de um amontoado de pedras construído artificialmente com o objetivo de marcação de território. Ao se passar por esse local, era costume acrescentar uma pedra ao monte, assim marcando sua própria presença. Outra forma ainda mais antiga de demarcação de território é a colocação de um falo, que mais tarde foi substituído, simbolicamente, por pedras ou estacas colocadas na vertical. Dessa forma, amontoados de pedras e *falos* sempre estiveram ligados.

Era comum talhar pequenas figuras de falos em madeira e depositar sobre os montes de pedra. Em torno de 520 a.C., Hiparco utilizou figuras de falo, que se constituíam de uma estaca de pedra com quatro arestas, com o membro viril masculino ereto e uma cabeça de homem com barba, para assinalar o ponto médio dos caminhos entre as aldeias áticas e a ágora de Atenas. Esse monumento tinha o nome de Hermes e em Atenas passou a ser usado por quase todos os moradores. Mantinham-no à frente de suas casas, uma forma clara de demarcação de território. Eram frequentes as festas sacrificiais privadas para esses Hermes, chamado de Hermes Trismegisto (Hermes “três vezes Máximo”), como é mostrado em pintura de vasos.

Filho de Zeus e Maia, Hermes nasceu num dia quatro — número que lhe era consagrado — numa caverna no monte Cilene, ao sul da Arcádia. Apesar de enfaixado e colocado no vão de um salgueiro, árvore sagrada e símbolo da fecundidade e da imortalidade, o menino demonstrou a sua admirável precocidade ao se livrar das faixas que o enrolavam e viajar até a Tessália. Existe toda uma simbologia por trás da narrativa: no mesmo dia em que veio à luz, Hermes se desligou das faixas, demonstração do seu poder de transitar entre os extremos, ligar e desligar, percorrer entre as trevas e a luz, entre o mundo dos vivos e dos mortos, dos deuses e mortais, característica marcante em Hermes.

Chegando na Tessália, o precoce Hermes rouba parte do rebanho de Admeto, guardado por Apolo. Ele percorreu quase toda a Hélade com os animais, com ramos atados às suas caudas, a fim de apagar o rastro e não deixar pistas de seu paradeiro. Hermes novamente nos dá mostras de sua precoce inteligência. Chegando a uma gruta de Pilos, sacrificou duas novilhas aos deuses, dividindo-as em doze porções, embora os imortais fossem apenas onze: Hermes, o menino prodígio, acabara de se promover como décimo segundo deus do Olimpo. Escondeu o restante do rebanho e retornou para Cilene. Antes disso, encontrou uma tartaruga na saída da caverna, matou-a, arrancou a carapaça e com as tripas das novilhas sacrificadas, fabricou o primeiro instrumento de cordas, algo como uma lira. Nascido na aurora, rouba o gado ao meio dia e, à noite, toca seu instrumento.

Apolo, o deus das adivinhações e profecias, descobriu o paradeiro do precoce

ladrão e o acusou perante Maia. Ela negou, argumentando que o menino Hermes era recém-nascido e que estava enfaixado. Apolo, ao ver o couro dos animais sacrificados, não duvidou mais e apelou a Zeus. Hermes, interrogado por seu pai, manteve a mentira. Zeus, percebendo que Hermes mentia, obrigou-o a prometer que nunca mais faltaria com a verdade; porém isso não o deixaria obrigado a dizer a verdade por inteiro, uma vez que ‘não faltar com a verdade’ não significa exatamente ‘dizê-la inteiramente’, nem exatamente ‘mentir’ – daí a sutileza do pensamento de Hermes. Zeus conseguiu restabelecer a concórdia entre os irmãos. Apolo recebe de Hermes a lira como presente de reconciliação. Esse furto de Hermes é visto mais com olhos de tenacidade e esperteza que de transgressão à lei: não um crime, mas uma travessura. O ladrão pode evocar Hermes sem constrangimentos durante o roubo. Não é o mal que se visa, mas a felicidade inesperada; Hermes é o ‘doador do bem’. Todo achado afortunado é um *hermaion*, ou ‘fruto caído’, chance ou vantagem que não se premedita.

No que diz respeito à música, a narrativa grega também atribui a Hermes a criação de outro instrumento: a flauta de Pã. Notamos uma aproximação do deus com o mundo da música. Com dois instrumentos atribuídos a Hermes, a lira e a flauta, cordas e sopro respectivamente, ele seria o precursor da grande maioria dos instrumentos que conhecemos. Apolo que já havia se encantado com o som da lira, desejou também a flauta e propôs uma troca: ofereceria em troca da flauta o caduceu, cajado de ouro que servia para guardar o rebanho do rei Admeto. Hermes aceitou o negócio e pediu lições de adivinhação. Apolo aceitou e o caduceu de ouro passou a ser uns dos principais atributos de Hermes, que ainda aperfeiçoou a arte divinatória, auxiliando a leitura do futuro por meio de pequenos seixos.

Divindade com muitos atributos e funções, Hermes parece ter sido, de início, um deus agrário, protetor dos pastores. Pausânias, autor do séc. II d.C., originário da Ásia, grande viajante do Mediterrâneo e escritor da obra *Descrição da Grécia* (Hartog: 2001, 47) descreve Hermes: “não existe outro deus que demonstre tanta solicitude para com os rebanhos e seu crescimento”. Os gregos ampliaram as funções de Hermes, pelo fato do roubo do rebanho de Apolo, e se tornou o símbolo de tudo quanto implica em astúcia, ardil e trapaça: é um trapaceiro, um velhaco, companheiro, amigo e protetor dos comerciantes e dos ladrões. Na tragédia *Reso* (216 sq), de Eurípides, o deus é chamado de “senhor dos que realizam seus negócios durante a noite”. Ele gosta de misturar-se aos homens, tornando-se o menos olímpico dos imortais. Na *Iliada*, canto XXIV, 334sq, vendo o alquebrado Príamo ser conduzido por Hermes através do acampamento Aqueu, Zeus exclama comovido: “Hermes, tua mais agradável tarefa é ser o companheiro do homem, ouves a quem estimas”.

Protetor dos viajantes é o deus das estradas, guardião dos caminhos. Hermes regia as estradas porque andava com incrível velocidade, pelo fato de usar sandálias de ouro aladas, e não se perdia à noite, porque dominava as trevas. Tornou-se o mensageiro predileto dos deuses. Tinha o domínio dos três níveis: terrestre, aéreo e subterrâneo. Tornou-se um deus psicopompo, ou seja, um condutor de almas, tanto no nível telúrico para o ctônio quanto deste para aquele: numa variante do mito, foi ele

quem trouxe do Hades para a luz, Perséfone e Eurídice; na *Odisseia* (canto VIII, 335 sq) aparece que “o poderoso Apolo, filho de Zeus disse a Hermes: filho de Zeus, guia e mensageiro, dispensador de bens”; na tragédia de Ésquilo, *Os Persas*, guiou, para curtos instantes na Terra, a alma do rei Dario.

Para Mircea Eliade são as faculdades ‘espirituais’ do deus psicopompo que lhe explicam as relações com as almas: “pois a sua astúcia e a sua inteligência prática e a sua inventividade (...) o seu poder de tornar-se invisível e de viajar por toda a parte em um piscar de olhos, já anunciam os prestígios da sabedoria, principalmente o domínio das ciências ocultas, que se tornarão mais tarde, na época helenística, as qualidades específicas desse deus” (1978, 92-97).

Pode-se dizer que aquele que domina as trevas e os três níveis, guiando as almas dos mortos, não opera apenas com a astúcia e a inteligência, mas antes com a gnose e a magia. A grande tarefa de Hermes consistia em ser o intérprete da vontade dos deuses. Chama atenção a relação de Hermes com o mundo dos homens, um mundo, por definição, aberto, que está em permanente construção. Os seus atributos primordiais – astúcia e inventividade, domínio sobre as trevas, interesse pela atividade dos homens, psicopompia – serão continuamente reinterpretados e acabarão por fazer de Hermes civilizador, patrono da ciência e imagem exemplar das gnosés ocultas.

Em Roma, a partir dos primeiros séculos da era cristã, surgiram muitos tratados e documentos de caráter religioso e esotérico que se diziam inspirar na religião egípcia, no neoplatonismo e neopitagorismo. Esse vasto conjunto de escritos se acham sob o nome de “*Corpus Hermectium*” coleção relativa a Hermes Trismegistos, fusão de filosofia, religião, alquimia, magia e, sobretudo de astrologia. Dessa coleção, muito se aproveitou a *gnose* (em grego, ‘conhecimento’), que se pode definir como conhecimento esotérico da divindade, que se transmite, particularmente, através de ritos de iniciação

Hermes teve muitos amores e vários filhos. O mais importante de todos foi Hermafrodito. Aquele que é iniciado pelo luminoso Hermes é capaz de resistir a todas as atrações das trevas, porque se tornou igualmente um “perito”. *Ad utrumque peritus*: ‘hábil em ambas as funções’, isto é, especialista em conduzir para a luz ou para as trevas. Eis aí o grande título de Hermes, o vencedor mágico da obscuridade.

Ao longo dos séculos, os artistas personificaram a eloquência, a sabedoria e a astúcia, qualidades presentes nas narrativas gregas. Hermes é retratado de diferentes maneiras, conforme a época. No período arcaico, fazendo jus ao título de protetor dos pastores, o deus aparece com uma ovelha nos ombros. Na arte figurativa da antigüidade, Hermes muitas vezes tem as suas qualidades exaltadas, como mensageiro dos deuses e guia de mortos e seus espíritos. No séc. IV a.C., o furto do rebanho é representado em vasos. Praxíteles, escultor do séc. IV, representa Hermes com Dioniso, ainda bebê, em seus braços. Essa estátua, que se encontra no Museu de Olímpia, foi identificada baseando-se em uma descrição de Pausânias, é provavelmente da época helenística. Desde o século V, o deus experimenta uma transformação: inicialmente representado por um homem maduro de barba, passou a aparecer retratado com uma aparência jovem e desnuda.

No renascimento encontramos Hermes em uma estátua de Sansovino (1540 – 1545) na Loggetta de Veneza. Tintoretto o representa em uma série alegórica (1576) no palácio Ducalle de Veneza, onde o deus seria a personificação do espírito comercial, da cultura e conhecimento dos Venezianos. Em outro sentido, Hermes é o portador do conhecimento quando ensina o pequeno Eros a ler e escrever, sob o olhar atento de Afrodite (Correggio, 1525).

No Museu do Prado existem algumas representações do deus, seja como retrato, seja na companhia de outros seres mitológicos, sempre com o caduceu e com suas sandálias aladas. Podemos destacar o trabalho de Rubens, *O Julgamento de Páris*, em que Hermes aparece com a maçã que é disputada pelas deusas Afrodite, Hera e Atena.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Fontes Primárias:

- ANÔNIMO. Hinos Homéricos. In GOOLD, G. P. (ed.) Hesiod, Homeric Hymns, Epic Cycle, Homeric. Loeb Classical Library. Cambridge/London: Harvard University Press, 1998.
- APOLODORUS. The Library. Loeb Classical Library. Cambridge/London: Harvard University Press, 1954.
- EURÍPIDES, Troianas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HESÍODO. Teogonia. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2001.
- HOMERO. Ilíada. Lisboa: Ed. Europa-América, 1987.
- . Iliad. Loeb Classical Library. Cambridge/ London: Harvard University Press, 1999.
- . Odisséia. Lisboa: Ed. Europa-América, 1987.
- . Odisseia. Loeb Classical Library. Cambridge/ London: Harvard University Press, 1998.
- PAUSÂNIAS. Guide to Greece. London: Penguin Books, 1979.

## Bibliografia Geral:

- BONNEFOY, Yves (dir.) Diccionario de las Mitologías y de las Religiones de las Sociedades Tradicionales y del Mundo Antiguo , Vol. 2 – Grécia. Barcelona: Destino, 1997.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega . 3 vols. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- . Dicionário Mítico-Etimológico. 2 vols. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.
- BRUNEL, Pierre (org.). Dicionário de Mitos Literários. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- BURKERT, Walter. A religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1993.
- BULFINCH ,Thomas. O livro de ouro da Mitologia. São Paulo: Ediouro.
- CALASSO, Roberto. As Núpcias de Cadmo e Harmonia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ELIADE, Mircea. História das Crenças e das Idéias Religiosas. Tomo I, volume 2. R. J.: Ed. Zahar, 1979.
- GRAVES,Robert. Deuses e Heróis do Olímpo. Rio de Janeiro: Editora Xenon,1992.
- HARTOG, François (org.). A História de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MOORMANN, Eric M., UITTERHOEVE, Wilfried. De Acteón a Zeus – temas sobre la mitología clásica en la literatura, la música, las artes plásticas y el teatro. Madrid: Ed.Akal, 1997.
- PINSENT, John. Mitos e Lendas da Grécia antiga. São Paulo: Ed. Melhoramentos e Edusp, 1969.
- . Grécia. São Paulo: Ed. Verbo, 1987.
- SISSA, Giulia e DETIENNE, Marcel. A vida cotidiana dos Deuses Gregos. São Paulo:

Companhia das Letras, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. A Morte nos Olhos - Figuração do Outro na Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1988.

. Figuras, Máscaras e Ídolos. Lisboa: Teorema, 1991.

Sites consultados:

[www.nomismatike.hpg.com.br/Mitologia/Apolo.html](http://www.nomismatike.hpg.com.br/Mitologia/Apolo.html)

[www.mundodosfilosofos.com.br/apolo.htm](http://www.mundodosfilosofos.com.br/apolo.htm)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Apolo>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Divindade>

<http://greciantiga.org/mit/mit09-10.asp>

<http://casadeplatao.blogspot.com>

[www.brasilecola.com/mitologia/apolo-jacinto.htm](http://www.brasilecola.com/mitologia/apolo-jacinto.htm)

[www.espacoacademico.com.br/068/68pereira.htm](http://www.espacoacademico.com.br/068/68pereira.htm)

<http://dicionario-de-mitologia-grega-e-romana.portalmidis.com.br/>

# CRÉDITOS

© Bestiário, 2016

© Paulina T. Nolibos, 2008

Editor ROBERTO SCHMITT-PRYM

Projeto gráfico original eDesign

Produção de ePub eDesign

1ª edição eletrônica, 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Nólibos, Paulina T.

Pequeno livro dos Deuses Olímpicos : Paulina T. Nólibos

Porto Alegre : Bestiário, 2016

Mitologia grega I. Título

CDD 028.5

Este e-book foi projetado  
e desenvolvido em fevereiro de 2016,  
com base na 1ª edição impressa, de 2008.

FONTES Leitura, Museo